mpletas

de A. F. de Castilho

EMPREZA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE EDITORA
LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
95, R. Augusta, 95 || 35, R. Ivens, 37
LISBOA

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 15.º

VOLUMES PUBLICADOS:

I — AMOR E MELANCOLIA.
II — A CHAVE DO ENIGMA.
III — CARTAS DE ECCO E NARCISO.
IV — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (1.º vol.)
V — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (2.º vol.)
VI — A PRIMAVERA (1.º vol.)
VII — A PRIMAVERA (2.º vol.)
VIII — VIVOS E MORTOS — Apreciações moraes, litterarias, e artisticas.
IX — VIVOS E MORTOS (2.º vol.)
X — VIVOS E MORTOS (3.º vol.)
XI — VIVOS E MORTOS (4.º vol.)
XII — VIVOS E MORTOS (5.º vol.)
XIII — VIVOS E MORTOS (6.º vol.)
XIV — VIVOS E MORTOS (7.º vol.)
XV — VIVOS E MORTOS (8.º vol.)

NO PRÉLO:

XVI — EXCAVAÇÕES POETICAS 1.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

XV

VIVOS E MORTOS

APRECIAÇÕES
MORAES, LITTERARIAS, E ARTISTICAS

VOLUME VIII

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
Rua Augusta, 95 | 45, Rua Ivens, 47
1904

SUMMARIO

Fundação de um Campo Elysio. — Livraria classica portugueza.--Homenagem á Lingua e Poesia portugueza por um Estrangeiro. — Despedida ao terminar o Autor a redacção do Tomo IV da *Revista Universal Lisbonense*.—Notas.—Indice geral.

CXCII

Fundação de um Campo Elysio

(Junho de 1845)

A 6 de Agosto de 1836, apresentavamos nós á esplendida Sociedade dos Amigos das Lettras uma extensa proposta, das honras que a Luiz de Camões importava se fizessem. Consistiam ellas: em se lhe erguer estatua no largo de Belem, e em se trasladarem os seus restos mortaes (dado se chegassem a descobrir) para um cemiterio especial e honorifico, que, inaugurado pelo seu tumulo, ficaria servindo a todos os nossos outros mortos memoraveis por Lettras ou Sciencias.

Em ambas suas partes foi a proposta approvada unanimemente.

Começaram-se para logo, com o auxilio do Governo, e boa paz e favor da Autoridade ecclesiastica, as pesquizas e sondas no convento e egreja de Sant'Anna; do que, foi resultado o ficarmos todos persuadidos, como estamos, de que os ossos do Poeta

existem, e os tivemos nas mãos; segundo faremos ver, quando a seu tempo dermos á estampa essa relação, que não é para a estreiteza de um jornal.

Outro é aqui hoje o nosso empenho.

Nas vesperas de levantarmos as mãos para sempre d'este papel, no qual Deus e os homens nos são testemunhas do como só havemos trabalhado para o bem commum e geral, em tudo a que podia, com as nossas pequenas forças, abranger a nossa grande vontade, queremos pela derradeira vez insistir na ideia, que já então recebêra a approvação de tantos homens distinctissimos em Lettras, mas que as mudanças politicas, e ulteriores cuidados, não deixaram pôr por obra: a utilidade de se estabelecer um Campo Elysio.

Tres considerações nos exforçam para a suscitarmos, confiados agora no bom exito:

uma, que para obras mui difficeis (¡quanto mais para esta, que é facillima!) chega e sobra, de certo, o zelo da presente, muito illustre, e muito illustrada, Camara Municipal, que não perderá o lanço de deixar prendada com tão formosa joia tão formosa Capital;

segunda, que o Governo de Sua Majestade lhe dará benigno a mão, em obra tão promptamente exequivel, de tanto credito e vantagem, e tão intrinzecamente formosa e santa, que nenhuma parcialidade lhe recusará bençãos;

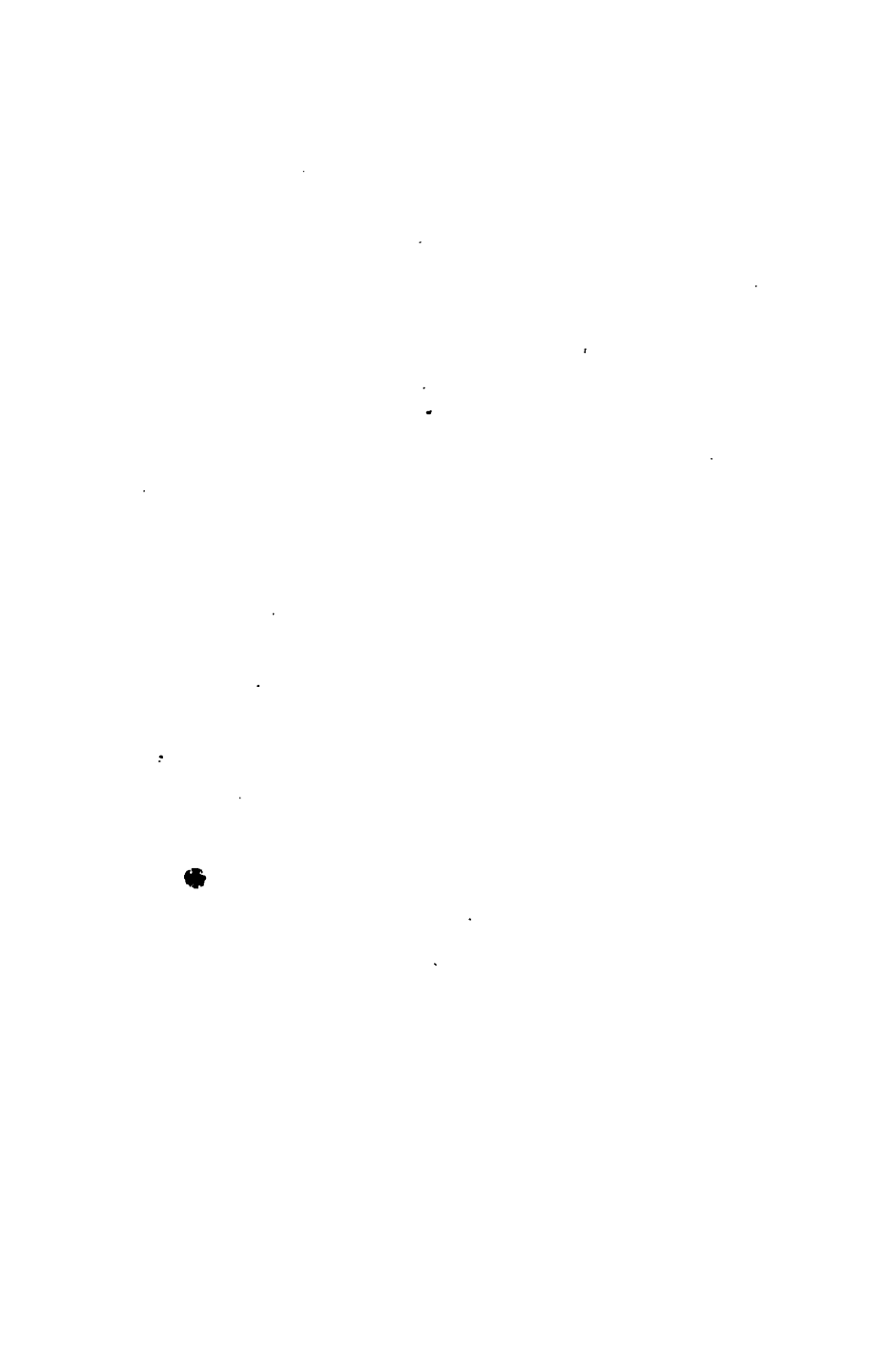
terceira, emfim, que o nosso tão suspirado, e só agora, ao cabo de tantos annos, restituido Filinto, está ainda aguardando,

como hospede mal acceito, a poisada para seu ultimo descanço; e com Filinto, não menos amigo e benemerito da sua terra, gente, e lingua, que o grande Camões, se póde, com egual conveniencia e propriedade, estrear o Campo Elysio portuguez.

Como explicação do requerimento, vamos copiar da sobredita Memoria um breve excerpto:

. . . .

(*Nota do Editor* — Para não alongar demasiado este artigo com repetições, remettemos o leitor á pagina 29 do Tomo I dos *Vivos e mortos*, onde ficou transcrita a alludida Memoria).

(*Rev. Univ.*)

CXCIII

LIVRARIA CLASSICA PORTUGUEZA

(Junho de 1845)

A Lingua de Portugal deve ser a portugueza. Ninguem o contradirá em these; na pratica muitissimos, de feito, hoje o desmentem. N'isto de mez a mez nos desnaturalisamos a olhos vistos; do que, a muitos se dá pouco, ou nada, se já não é que se regosijam.

Abastarda-se e degenéra o falar copioso, valente, suave, e por latino tão artistico, de nossos avós. De linguagem vai passando a algaravía, ou *patois;* de Princeza, a serva.

Podia ter nascido este grande mal, de um grande bem: do muito revolver sciencias modernas, ou extranhos idiomas; mas (por maior miseria) não das sciencias, se não das ignorancias, não dos livros do estudo, se não dos livros da ociosidade depravada, procedeu, e se alimenta, este já agora achaque inveterado, e não sabemos se curavel.

No systema de perfectibilidade encabeçam

tambem isso os que affirmam que o genero humano tem de vir a ser uma só familia, pensando e exprimindo-se toda por um modo. Seja assim.

Or, mes amis, bénissons Dieu,
Qui met chaque chose en son lieu;
Celles-ci sont pour l'an trois mil.
Ainsi soit-il

Não queremos brigar com o sebastianismo da philosophia; dizemos só, com vénia e boa-paz dos seus sectarios, que, se o nosso planeta, na sua viagem preestabelecida, tem de chegar a essa ilha encoberta, não hão-de ser forças nossas, nem de ninguem, que o accelerem ou retardem.

Em sahindo a folhinha do anno 3:000 estaremos (os que estivermos) na terra da Promissão, a falar todos francez, se não fôr allemão, ou outra coisa. Como, porém, d'aqui até lá, temos muita noite que dormir fora, e muitas gerações que enterrar, e em todo esse tempo cada povo (com licença dos philosophos do anno 3:000) ha-de ter, segundo nos parece, a sua casa e vivenda á parte, convem que, sem desestimar aos outros, cada um tenha brios de ser o que é, ame, zéle, e defenda, os seus haveres. E' uma philosophia esta mais rasteira, porém muito clara e muito util.

Querermos ser já do anno 3:000 no anno de 1845, sería o mesmo que pretenderem ser do anno de 1845 os bemaventurados do anno aureo de 3:000. Cedâmos á attracção, *mas,* como todos os corpos da Natureza,

sem desobedecermos ao mesmo tempo á repulsão. Qualquer das duas forças, se com a outra se não conchava e tempéra, leva inevitavelmente á perdição.

E quanto á Lingua, sobre tudo, que é de todos os bens o mais intimo e inalienavel para cada gente, nós sobre tudo, que possuimos uma, a que só falta um pouco mais de boa cultura para exceder as melhores, e egualar-se com as optimas, guardemol-a como um santo amuleto de patrio amor, quando não seja como instrumento serviçal, que a nenhuma necessidade do entendimento, da phantasia; ou do coração, se ha-de nunca de veras recusar.

O como entendemos que importa hoje servirmos a nossa Lingua, já em artigos especiaes d'este mesmo jornal o declarámos. *Liberaes* da Linguagem se alcunham a si mesmos os que só a querem enriquecida com as expressões das novas ideias. Os *liberaes* porém da Linguagem somos nós, que adoptamos de boa-mente quantos vocábulos ou phrases, embora peregrinos, se nos fazem mistér para abranger a esphera das nossas sciencias, mais ampla que a de nossos avós, e, de mais, consentimos e instamos que se use de quantos vocabulos ou phrases já foram nossos, e só por incuria ou moda se perderam ou retiraram do trato, e não por desnecessidade que d'elles houvesse, ou por alguma peculiar rasão que os desautorisasse.

¿Quem será mais a favor de uma Lingua? ¿os que dizem possua ella o que podér ir grangeando? ¿ou os que, puchando pelos

titulos e tombos de sua fazenda antiga, lhe persuadem que a ajunte ao fruto de seus presentes suores?

As vantagens litterarias que d'estas reivindicações se podem lucrar para os versos e para a prosa, já tambem as apontámos aos que não escrevem, que aos outros a sua mesma experiencia lh'as haverá apontado.

Convencidos de todas estas verdades, que ninguem seriamente se proporia refutar, emprehendemos oppôr um diquesinho á caudalosa alluvião da francezia soberba e proterva, que ameaça afogar por derradeiro a maus e bons.

Não vendo em propriedade nossa o cabedal necessario para a obra, ás minas grandes e proximas nos fomos procural-o e escolhel-o. Tomámos dos mestres da nossa Lingua os melhores trechos, que para recreação e estudo podessem servir ao mesmo tempo; e esses são os que, sob o titulo geral de LIVRARIA CLASSICA PORTUGUEZA, *ou collecção do melhor que nos principaes escritores portuguezes, assim prosadores como poetas, se encontra, por —Antonio Feliciano de Castilho, e José Feliciano de Castilho* — vamos publicar desde já, e sem mais intervallo que oito ou dez dias de tomo a tomo.

Eis aqui a ordem e condições d'esta edição.

Imprimir-se-hão alternadamente os melhores prosadores e os melhores poetas, a quem possam legitimamente competir os foros de mestres em nossa Lingua. Em cada *prosador,* e em cada poeta, só se aprovei-

tará a nata e o beijinho dos seus escritos; do que, se fará um tomo, ou mais, segundo fôr a quantidade da materia; cada tomo em formato de 32.° e leitura cheia, só custará, broxado, 120 réis.

As utilidades obvias e incontestaveis de subscrever para esta obra são principalmente duas:

1.ª — acharem já o trigo, de que se hão-de sustentar, fóra da muita palha que o encobria, escrivado, limpo, ensacado, e encelleirado; isto é: poderem ler seguidamente em sua Lingua coisas sempre formosas e aprasiveis, que deveriam como acepipes ser procuradas, ainda que de sustento e remedio não servissem, como servem;

2.ª — conseguirem por preço quasi nullo, sobre esta grande economia de tempo e paciencia, outra não pequena de prata e oiro, pois que, em poucas dezenas de volumes quasi gratuitos, apertarão a substancia de centenares de obras em 8.°, em 4.°, e em folio, que, attenta a raridade de muitas d'ellas, só por contos de réis se poderiam ao presente colligir.

Aos excerptos de cada autor ajuntaremos no fim a noticia de sua Vida, e o juizo critico de suas obras e estylo; e á summa da collecção um volume de introducção (que todavia não sahirá n'estas primeiras semanas), no qual nos propomos tratar, mais de espaço, da arte de escrever em portuguez, segundo nossos estudos e observações nol-a hão feito conhecer.

O primeiro autor que vamos estampar é o Padre Manuel Bernardes, o mais opulento de Linguagem patria, quanto a nós, o escritor delicioso, para doutos e indoutos, logo que appareça alliviado da parte argumentativa, ou puramente mystica, que afoga o mais das suas paginas.

(*Rev. Univ.*)

CXCIV

Homenagem á Lingua e Poesia portugueza por um Estrangeiro

(Junho de 1845)

Da cortez officiosidade do snr. Manfredo Bertone, Representante da Sardenha n'esta Côrte, e consanguineo de mui subidas fidalguias do nosso Reino, recebemos, por mão que muito mais agradavel nos tornou o mimo, pela mão do nosso erudito amigo e poeta o snr. Viale, uma obra italiana, cuja noticia deve, por mais de um modo, ser deleitosa a nossos leitores. Eis aqui o seu titulo:

MARILIA DI DIRCEO
lire di Tommaso Antonio Gonzaga
brasiliano
tradotte da portoghese
da
Giovenale Vegezzi-Ruscalla
Torino — 1844.

*

O passar poesias da nossa formosa Lingua portugueza para a sua formosa Lingua

italiana, fazel-o com tanto amor, esmero, e mestria, que, sendo fiel a traducção, ficou parecendo liberrimo e graciosissimo original, antolhou-se ainda pouco ao snr. Vegezzi-Ruscalla para nos testemunhar todo o benevolo interesse que nos consagrava.

Dedicou o livro á Academia Real das Sciencias de Lisboa, e lhe ajuntou um prologo, que nós vamos dar em Linguagem, para regalo dos que ainda se presam de ser Portuguezes, e confusão dos zotes, que se envergonham d'esta boa terra, só ruim em os ter creado a elles, e d'esta Lingua, por nenhuma outra excedida, em que foram acalentados no berço, e com que folgaram a sua infancia.

Oiçâmol-o; é um filho da Italia quem vai falar.

«Assim como a Litteratura hespanhola não alardeia só Cervantes, Lope, Calderon, e Ercilla, assim a portugueza se não gloría unicamente com aquelle grande épico de Camões; e todavia, a exceptuarmos este, já quatro vezes (que eu saiba) traduzido em nosso idioma, até os nomes dos maiores luzeiros do Parnaso lusitano, como bem adverte Biondelli, são desconhecidos á mór parte dos Italianos.

«Por me parecer que hoje em dia, quando as diversas nações que formam o grupo slavo, e as diversas germanicas, se unem entre si, e se propõem fazer commum o seu patrimonio, outro tanto devem fazer os outros povos de que se compõe a grande familia

latina, determinei, com os meus apoucados conhecimentos, concorrer para este empenho, fazendo conhecer aos meus patricios os poetas de um povo nosso irmão, de um povo que na Historia grangeou alta nomeada pelo seu hardimento maravilhoso, que tão bem contribuiu para redimir a Europa do jugo mahometano, que descobriu tantas terras e tantos mares, e que dilatou o estandarte da Cruz pela Asia, pela Africa, e pela America, de um povo, finalmente, cuja gloria, a despeito das politicas variedades, por onde veio a perder a herança das conquistas compradas com o seu sangue, tem de durar em quanto durar o mundo.

«Movido d'estas considerações, e tambem d'aquella sentença de M.^me^ de Staël, a saber, que se não pode ás Lettras fazer beneficio maior, do que transportar de uma para outra Lingua as obras-primas do talento, já na *Anthologia estrangeira*, publicada em Turim por Pomba, no volume de Março de 1830 estampei uma longa Memoria acerca dos escritos de Barbosa du Bocage, autor dos mais populares em Portugal. Hoje dou á luz a traducção completa das obras de um Poeta, caro aos Portuguezes de um e de outro hemispherio, e o qual já tinha logrado a honra de ser vertido em francez, inglez, e allemão.

«Algo direi da traducção presente.

«Não sou eu poeta, nem escritor primoroso. Para ser poeta, falleceu-me o engenho; para me fazer primoroso escritor faltaram-me os meios. Com estas duas minguas, ¿como não seria para mim trabalho de costa acima o trasladar para italiano, em egual

quantia de versos, das mesmas medidas, e com as mesmas voltas de consoantes, poesias escritas n'uma Lingua, que, dado seja irman da nossa, me oppunha duas difficuldades especiaes?

«O portuguez, em muitas palavras de etymologia latina, supprime varias consoantes, e ás vezes até syllabas; e por isso, agorentando os vocábulos, logra metter maior numero d'elles em cada metro, e portanto facilita que, em egual numero de syllabas, se accommodem mais ideias do que em italiano.[1]

«Em segundo logar, conforme notaram Bouterweck, Sismondi, Schlegel, Denis, e Hallam, a Poesia portugueza propende de si para o genero pastoril; d'onde provém serem lá nobres e elegantes alguns termos, que entre nós são triviaes e rusticos; pelos quaes já Horacio tinha dito

Difficile est proprie communia dicere;

e esta difficuldade confesso eu, que nem sempre tive a fortuna de a vencer.

«Ora, a isto ainda se ha-de acrescentar que as Linguas, por mais semelhantes, por mais travadas que uma com outra sejam, teem sempre locuções e vocábulos peculiares, que exprimem conceitos, ideias complexas, ou graduações de ideias, que não ha traduzir para as linguas irmans; verbi gratia: o francez *flétrir*, o hespanhol *zaguero*, o portuguez *saudade*, o valacco *mitescu*, que os dê cá alguem em italiano, sem ser por circumloquios, com que sempre se apouca a

formosura, a efficacia, ou a energia do texto original.

«Estas advertencias me pareceu bem prepôr já aqui, para que os leitores houvessem de ter alguma indulgencia no sentenciarem este meu humilde lavor.

«Por desejo de ganhar fama, não é que eu saco á luz a traducção das lyras de Gonzaga. Já rastejo pelo nono lustro; tardío e louco fôra o empenho. Tão pouco é, para alardear que entendo o portuguez, porque essa donosa Lingua, qualquer Italiano a aprende sem nenhum custo.

«Obrigou-me, repito, o desejo de concorrer para apertarmos relações litterarias com um membro d'aquella familia latina, á qual já nós outros tambem pertencemos, e que é vergonha não conhecermos. Obrigou-me o amor que tenho a uma Litteratura, que no genero pastoril e bucolico leva a palma a todas as mais da Europa. Forçou-me a ancia de render, quanto em mim cabe, homenagem a uma Nação, que bem merece que o agradecimento universal a compense do seu antigo poderío, ¡ tão desfalcado agora! Em summa: emprehendi esta publicação, para que entre nós se honrasse um engenho, cuja memoria no Brazil e em Portugal está sobrevivendo á sua desventura, ao passo que o esquecimento cobre os sepulcros dos seus perseguidores.»

Eis aqui o breve prologo do snr. Ruscalla, cujo nome, por gratidão (quando já por

admiração não fosse) deve ficar na lembrança de todos os amigos da nossa terra.

Antes de rematarmos este artigo com um excerpto da traducção, confrontado com o seu original, e que muito de industria deixámos para este numero, por ser o seu assumpto o San-João, uma curiosa noticia queremos dar, qual de pessoa fidedigna a recebemos.

A dama cantada pelo nosso Gonzaga, sob o nome de *Marilia*, ainda hoje vive na sua provincia de Minas-Geraes. Casára depois da morte do Poeta com um Official militar, e está viuva. Poucas mulheres terão visto em sua vida derramar-se pelo mundo os seus louvores, como esta.

LYRA XIII

(Original de Gonzaga)

Arde o velho barril, arde a cabeça [2]
em honra de João na larga rua;
o crédulo mortal agora indaga
qual seja a sorte sua.

Eu não tenho alcaxofra que á luz chegue,
e n'ella orvalhe o ceo de madrugada,
para ver se rebentam novas folhas
aonde foi queimada.

Tambem não tenho um ovo que despeje
dentro de um copo de agua, e possa n'ella
fingir palacios grandes, altas tôrres
e uma náu á vella.

Mas ¡ah! em bem me lembro; eu tenho ouvido
que na bocca um bochecho de agua tome,
e traz de qualquer porta attento esteja
até ouvir um nome;

que o nome que primeiro ouvir, é esse
o nome que ha-de ter a minha amada;
pode verdade ser; se fôr mentira,
tambem não custa nada.

Vou tudo executar; e de repente
ouvi dizer o nome de Filena;
despejo logo a bocca; ¡ah! ¡não sei como
não morro ali de pena!

Apparece Cupido; então soltando
em ar de zombaria uma risada,
«¿E que tal—me pergunta—esteve a peça?
«¿não foi mui bem pregada?

«Eu já te disse que Marilia é tua;
«¡tu fazes do meu dito tanta conta,
«que vais acreditar o que te ensina
«velha mulher já tonta!»

Humilde lhe respondo: «Quem debaixo
«do açoite da Fortuna afflicto geme,
«nas mesmas coisas que só são brinquedos,
«se agoiram males, teme.»

LYRA XIII

(Traducção de Ruscalla)

Arde il vecchio barile, arde l'imago
In onor del Battista per la via; [3]
E il credulo mortale in esse indaga
Il suo avvenir qual sia.

Carciofolo non ho da spor la notte
Alla rugiada, onde osservar se prese
All'alba susseguente nuove foglie
Dov' esse furo incese.

Non ho del pari un' uovo da vuotare
Entro una coppa piena d'acqua, e in quella
Poter poscia vedervi armate navi,
E torri, e gran castella.

Però ricordo questo sortilegio:
S'empia d'acqua la bocca ed appiattato
Dietro un uscio si resti, in fin a tanto
Ch' um nome é pronunciato.

Quello che s'ode è il nome di colei
Che l'amata esser dee. Si tenti, or bene,
Il sortilegio; se sará un inganno,
Qual male me ne viene?

M'empio d'acqua la bocca, e stommi all' uscio.
Ohimè! qual nome ascolto mai? Filena!
Estatico rimango, e non sò come
Reggo del duol la piena.

Allora smascellando dalle risa
Cupido apparve, incontro me si feo,
E «T'ho burlato come va» me dice,
«O credulo Dirceo!

«Ti dissi mille volte: *È tua Marilia;*
«Pur cosi poco credi a mie parole,
«Che fidi negli strani sortilegi
«Di stolte donniciuole?»

Rispondo: «Un infelice ch' avverarsi
«Vide ogni rio presagio di sventura,
«Agli sciocchi aruspicii della plebe
«Dà retta, e s'impaúra.»

Notas de Castilho ao artigo antecedente

[1] Bem quizeramos nós que esta parte de louvor dado pelo snr. Vegezzi-Ruscalla á nossa Lingua fosse bem merecida; infelizmente não o é.

De facto, encurtámos nós muitas palavras latinas por syncope, e até não poucas por apócope, como nos infinitivos presentes dos verbos, e em muitos ablativos romanos, dos quaes (e não dos outros casos) tirámos os nossos nomes, como bem nos advertiu o nosso eminente philólogo, e amigo muito particular, o Ex.mo Snr. João de Sousa Pinto de Magalhães.

Não obstante porém todo este largo uso de apócopes e de syncopes, sempre a Lingua italiana nos ficou levando vantagem em brevidade.

Muitas coisas lhe contribuem para essa invejavel excellencia: a licença amplissima que elles teem para reducção e suppressão de syllabas por synéresis e apócope; sobre tudo a terminação dos seus pluraes, tanto de nomes como de verbos, em vogal; o que lhes proporciona a cada passo economisarem uma syllaba, absorvendo a ultima d'esses pluraes na primeira vogal do seguinte vocábulo.

Quanto aos artigos, palavras que, por sua indispensavel frequencia, não podem deixar de ser consideradas aqui, parece que melhor estamos nós com o feminino *a as*, pois, começando por vogal, se póde elidir com a syllaba precedente, o que se não dá em *la* e *le*; mas, em compensação, *as* e *os*, e todos os seus compostos, *nas*, *nos*, etc., não se podem absorver em vogal que se lhes siga.

Este exame comparativo da contextura interior das duas Linguas, seria longo, fastidioso, e impertinente para aqui; mas a verdade da nossa asserção, isto é, que o poeta portuguez não póde accommodar tantas palavras, e conseguintemente tantos conceitos no seu verso, como o italiano no seu, pode-se demonstrar *a posteriori*, e por um calculo arithmetico; eil-o aqui:

Nós vamos confrontar duzentos versos hendecasyllabos italianos, com outros tantos portuguezes da mesma medida, tomados uns e outros sem escolha, e seguidos; contar as palavras n'uns e n'outros comprehendidas, e comparar a final as duas sommas.

É excusado advertir, que n'uma e n'outra parte havemos de contar com os nomes e verbos, artigos, conjuncções, e toda a especie de partículas, visto serem ingredientes indispensaveis da Linguagem; o contrario seria um erro egual ao de quem, para averiguar o comprimento de um muro, quizesse medir só as pedras, e não a argamassa que as liga.

Furioso — de Ariosto. Tem nos primeiros 40 versos palavras 290.

Lusiadas — de Camões. Nos primeiros 40 versos, palavras 259.

Jerusalem — do Tasso. Nos primeiros 40 versos palavras 311.

Ulyssêa — de Gabriel Pereira de Castro. Nos primeiros 40 versos, palavras 275.

Conquista di Granata — de Gratiani. Nos primeiros 40 versos, palavras 294.

Caramurú — de Durão. Nos primeiros 40 versos, palavras 260.

Carmagnola — de Manzoni. Nos primeiros 40 versos, palavras 299.

Catão — de Garrett. Nos primeiros 40 versos, palavras 222.

Traducção da *Iliada* — por Monti. Nos primeiros 40 versos do Livro IX (não temos á mão o 1.º volume) palavras 252.

Traducção da *Odysséa* — por Viale. Nos primeiros 40 versos, palavras 237.

Sommam nos duzentos versos italianos, que deixamos accusados, 1:446 palavras.

E nos duzentos portuguezes, 1:253 palavras.

Em duzentos versos podem, por consequencia, os Italianos metter mais do que nós (termo médio) 193 palavras; o que dá quasi uma palavra de mais a cada um dos seus versos hendecasyllabos, relativamente aos nossos.

Julgâmos dever esta rectificação á verdade; se não é lisonjeira para a nossa Lingua, tantos outros méritos sabemos nós que ella tem, que a podemos chamar *formosissima*, sem a lisonjear.

Ao snr. Ruscalla pedimos perdão d'este commentariosinho, que em nada pode prejudicar o seu crédito; pequenas inadvertencias tambem as teem os grandes homens.

[2] Releva notar, que o incompleto e equivoco d'esta expressão não póde deixar de induzir em erro a um Estrangeiro. *Imago* não significa de certo *cabeça de alcatrão;* mas tão pouco a palavra *cabeça* só por si o significa. A culpa d'esta infidelidade do traductor vá pois ao autor, a quem pertence.

[3] «*La notte che precede la festa di S. Giovanni era una volta al Brasile dedicata ai sortilegi, di cui è discorso in questa Lira. Oggidì si praticano ancora, ma per ischerzo, non per goffa superstizione.*

CXCV

Despedida ao terminar o Autor a redacção do Tomo IV da «Revista Universal Lisbonense»

(Junho de 1845)

E' emfim chegado o apartamento.

Quatro annos de perfeita convivencia com tamanha e tão boa parte do nosso Publico, nos estão enchendo esta hora de saudades. Todavia se não pode excusar o lance. Partimo-nos, e para sempre.

Pouco espaço nos fica já para a despedida. Aproveitemol-o, em recordar, por alto, o mal e o bem dos largos dias, em que andámos juntos. Será para nós tirarmos doutrina da experiencia; e poderá ser tambem para quem vem sentar-se ao leme em nossa vez, carta de mareação com os principaes baixios e portos assignalados.

Melhores ventos e fortuna lhe dê Deus, pulso mais valente, sciencia mais funda. De boa-vontade e diligencias, é que lhe não poderá nunca dar mais do que nós tivemos.

*

Por varias mudanças passou, desde o seu nascimento até hoje, a *Revista Universal Lisbonense*. Todas essas mudanças foram reformações, e não partos fortuitos de inconstante phantasia.

Iamos trabalhando, e ouvindo o que de fora se nos dizia; sem nos importar se era o zelo, a inveja, ou a malignidade, quem falava; escutando tudo, registando tudo, verificando tudo pela reflexão, ou ensaiando-o na pedra de tocar da experiencia.

Deixámo-nos ir ensinando do uso, e por elle fomos progressivamente alterando, ora o desenho do todo, ora o modo da edificação, n'uma, ou n'outra, ou em muitas partes; até que emfim, viemos a assentar no systema que viamos apraser á pluralidade, e no qual, por isso mesmo, haveriamos indubitavelmente perseverado, se tivessemos de progredir.

Alguns de nossos leitores, pouquissimos em numero, posto que dos mais attendiveis por sua sciencia, desejavam, por credito portuguez e bem da publica instrucção, ver transformar-se esta folha em jornal grandioso e solemne, em intérprete da alta civilisação europeia, em narrador de todos os progressos, inventos, e descobrimentos, discussor de todas as theses mais importantes, de todas as theorias *a-la-moda* da philosophia social, da philosophia artistica, da philosophia litteraria, etc. Desobedecemol-os, e não os podiamos obedecer.

¿Tinhamos nós o millesimo das forças indispensaveis para tamanha empresa?

¿Podiamos, ao menos, contar com assaz de auxiliares que nol-as supprissem?

¿Caberiam tratados e dissertações em doze pequenas paginas de impressão?

¿Encontrariam em Portugal sufficientes leitores, e sobretudo sufficientes compradores?

Quatro redondas negativas saem de todas as boccas contra estas quatro questões pré vias.

Logo, se, dissimulando todas as differenças, que vão de terra a terras, e de gente a gentes, houvessemos affectado seguir por todas as alturas do saber humano as grandes Redacções das grandes Revistas estrangeiras, tantas das quaes, por lá mesmo, se teem visto despenhar e perecer, nem como Icaro chegariamos a deixar fama de insensatos, porque em vão tentariamos arrancar o primeiro vôo, com as nossas azas feitiças e mal postas.

Mas emfim: dêmos que tinhamos logrado compôr, ou traduzir, essas maravilhosas dissertações; ¿aonde deposital-as? ¿Bastaria a nossa vontade para fazer o milagre? ¿Obediente á nossa ambição, cresceria o nosso apoucado semanario até um volume d'esses armazens scientificos e litterarios da Inglaterra, da Allemanha e da França? ¿Não rebentaria logo ás primeiras vangloriosas aspirações, como a ran da fábula?

E dado realmente que não, perguntae aos livreiros onde ha ahi Publico para taes obras em portuguez.

*

Convencidos de que o maior inimigo do *bom* é sempre o *optimo*, e o muito riscar o

mais certo modo de nada fazer, circumscrevemo-nos com os limites do possivel. Pospusémos as deleitações do amor proprio aos conselhos da verdadeira utilidade. Acceitámos e procurámos para a nossa primeira Parte, menos os discursos ostentosos, os systemas retumbantes, e as novidades duvidosas ou inapplicaveis, do que os preceitos exequiveis, as receitas prestadias, as regras comprehensiveis, e faceis de pôr em prática, os alvitres de applicação obvia e efficaz.

Tambem a nós algumas vezes nos tentavam a vontade as longas e maravilhosas descripções dos portentos effeituados, ou promettidos, lá ao longe, pelas sciencias e riqueza de mãos dadas. Mas.... olhavamos logo para o estado da nossa terra; e, constrangidos a escolher, pela impossibilidade de darmos tudo, preferiamos as modestas discussões do fabrico do nosso azeite, da illuminação das nossas cidades, da exploração das nossas minas, da feitura dos nossos vinhos, da edificação das nossas casas, do trato e cura dos nossos rebanhos, do preparo dos nossos adubíos, do aproveitamento dos nossos trigos, da producção dos nossos queijos e manteigas, da abundancia das nossas aguas, da navegação dos nossos rios, da saude da nossa gente, da economia do nosso luxo, da educação da nossa infancia, do progresso das nossas fabricas, da civilisação e moralisação do nosso vulgo, soldados e marinheiros, da animação da nossa industria, das precauções e refugios para os nossos incendios; não nos correndo de descer até ás minimas clausulas das commodidades

domésticas, a essas realidades tão reaes da vida physica, a ninguem indifferentes, nem sequer aos Demócritos de obra grossa, que, para alguma coisa fazerem, as escarnecem, e se presumem logo por isso encartados no *bom tom*.

Se andavamos bem ou mal guiados n'estas preferencias, não nos pertence a nós o decidil-o. Expomos só os motivos que nos determinaram.

A unica censura, que no tocante a tudo isto se nos poderia fazer com justiça, é que nem todas essas receitas, conselhos, e alvitres, ajuntados para aqui por um grande numero de sabios e curiosos, se acharia na prática responderem ás promessas.

Assim é; mas tambem é assim, que, se não houvessemos de publicar senão os verificados por nós mesmos, quasi nenhuns apresentariamos; muitos preciosos se perdêram, e se não acharam hoje, como se acham, aproveitados e seguidos por centenares de familias desde o Algarve até Traz-os-montes.

*

Outro achaque punha tambem a alguns d'esses artigos um idiota, que nos brindou com uma carta anonyma, em tempo em que ainda liamos taes miserias; a saber: que algumas d'essas receitas as tinha elle já lido em tal ou tal livro estrangeiro.

¡Oh! ¡patriotismo admiravel! ¡Oh! ¡sagacidade inaudita de um talentão encoberto! ¡Já um conselho util não presta, se não original! Rasguemos da pharmacopeia portu-

gueza todos os medicamentos, cuja formula já nas francezas se houvesse lido. Queimemos nove decimos dos nossos livros elementares de estudo, porque não passam de traducções ou imitações.

Mas é vergonha responder a parvolezes, reconhecidas como taes até pelos parvos que as escrevem.

*

Sobre o nosso capitulo das noticias, tambem por vezes ouvimos sussurrar censuras.

Queriam uns que dessemos conta dos principaes successos de todo o mundo. Tanto como elles, o desejavamos nós; mas, não havendo logar para tudo, sem-rasão nos parecia deixar no escuro o de casa, para memorar o de fora; mormente quando o de fóra em mil jornaes se regista, e o de casa se omitte em quasi todos; accrescendo ainda, que um successo de menor vulto maior parece, e mais interessa, quanto mais perto nos occorre em logar e tempo. Os feitos peregrinos para pouco mais servem que para a curiosidade, em quanto os conterraneos são muito para curiosidade, e muito mais para exemplo, precaução, e documento.

Pode ser que tambem n'isto errassemos; mas já se vê que não foi erro sem boa desculpa.

*

A outros descontentava o relatorio de tantos crimes, já porque os entristecia, e já (diziam elles) porque esses crimes narrados se podiam tornar sementes de outros.

Nenhuma das duas rasões nos toou nunca. A quem inventa, poderá e deverá extranhar-se que produza horrores onde podia crear amenidades; mas a quem historía (e um Jornal é uma carreação continuada de materiaes para a Historia), a quem só historía, dizemos, incumbe expôr fielmente e nas devidas proporções, em que mutuamente se acham, o feio e o formoso, os quadros do que se deve fugir, e os quadros do que deve imitar-se.

*

Outros passavam ainda além, e desacreditavam-nos (mais illusa do que maldosamente, cremos nós), dizendo que nos compraziamos em doirar e lustrar os vicios, os crimes, os monstros moraes, para que apparecessem apraziveis e seductores. Era totalmente pelo avêsso; e ninguem nos desmentirá com documentos.

Nenhuma d'essas noticias negras continha nem sombra de apologia a principios depravados; antes em quasi todas, ou o modo de as expôr, ou o commentario que se lhes encorporava, ou o titulo que se lhes inscrevia, continha a san doutrina por modo claro e franco, e muitas vezes energico e persuasivo.

Folgamos de nos persuadir de que o nosso illustre successor não ha-de enjeitar o nosso systema, deixando de colligir, por tristes ou feios, os elementos para a estatistica moral da nossa edade.

*

No julgamento das obras procuravamos ser rectos e imparciaes, mais propensos por

condição a favorecer, que a maltratar; mas pouco bem nos démos com o officio.

Do nosso amor á verdade e ás Lettras só tirámos dissabores, que a final vieram quasi a dar em arrependimentos; por onde, nos não atrevemos a recommendar a ninguem um systema, tão honesto sim, mas tão nocivo.

Isto só nos consola das brutalidades, de que fomos, e de que ainda talvez continuaremos a ser, victimas: que nunca mentimos em desabono de quem quer que fosse. Errar, podia ser; mas com tropeços e quedas só do entendimento não se alvoroça a consciencia. Nunca presumimos de infalliveis; de veridicos sempre.

Nas discussões forcejámos por não transcender nunca limites, que a razão, que a decencia, que o interesse proprio, que o senso publico, não consentem se ultrapassem. Algumas vezes porém (nenhuma verdade, por agra que seja, se deve negar na hora suprema) algumas vezes fomos desphilosophicamente severos, e impolidamente desabridos; verdade é que nunca sem vehemente e iniqua provocação, e nem todas as vezes que taes provocações se nos fizeram. Devêramos ter despresado a todas por egual; vemol-o agora, que estamos com o sangue frio e rebalsado no coração. Mas ha horas e lances, em que um estoico mesmo acutila, e em que até o Fundador da Religião da caridade, o Autor do preceito do *perdoar sete vezes multiplicadas por setenta*, leva do azurrague. Não prégamos a vingança; não nos justificamos de haver cahido; explicamos só

essas nossas quedas. Homens eramos, picados muito mais do que se podia soffrer, e quasi sempre muitissimo mais do que o Publico presenceava.

N'esta parte é que nós temos fé em que havemos de ser excedidos pelo nosso successor; mas tal humilhação, desejamol-a, que será um bom e muito necessario exemplo dado ao Povo que lê, e á muita plebe ignobilissima que hoje escreve.

*

A Linguagem, posto que de tantas e de tão diversas mãos procedessem os artigos, de que se atuchavam as nossas paginas, diligenciavamos que fosse pura nas palavras, phrases, e contextura d'ellas. Não a damos por impeccavel toda, antes lhe sabemos e confessamos descuidos, e não leves. Todavia, temos certeza provada, de que o nosso empenho, mantido no discurso d'estes quatro annos, a favor da Lingua portugueza, não foi totalmente perdido. Os documentos não os havemos de exhibir, mas podiamos. Contentamo-nos com as provas de testemunhas. Por nós depõem em voz alta os partidarios da vernaculidade, e depõem contra nós (o que não vale menos) os pintalgados foliões da *gallici-parla*.

*

Terminamos.

¿Foi a obra, que deixamos cerrada, merecedora de louvor, ou de reprovação?

Com as mãos ambas sobre ella responde-

mos: que de louvor, por parte da vontade; e ninguem nos contradirá. No de mais, desamparamos a sua defensa; talento e pericia, dá-os a Providencia a quem lhe apraz. Em carecer de taes dotes, ou em só os possuir em tenue grau, não ha deshonra.

Mas desamparamol-a com affoiteza, com serenidade.

¿E por que não? ¿Por que não presumiremos bom um livro, para onde convergiram, de toda a parte, as luzes de tantos talentos, de quasi todos os talentos de Portugal?

Os verdadeiros louvores e agradecimentos, a elles tocam; a nós só nos cabe o de os havermos concitado, e convertido em commum proveito a sua generosa benevolencia para comnosco.

Lisboa, 17 de Junho de 1845.

NOTAS DOS EDITORES

AOS OITO VOLUMES DOS

VIVOS E MORTOS

Non hominum interitu sententiæ occidunt, sed lucem auctoris fortasse desiderant.

CICERO—*De natura deorum*—I, v.

Pela morte dos homens não morrem com elles as opiniões que professaram; o que precisam talvez é ser postas na verdadeira luz de seus autores

NOTAS AO VOLUME I

Pag. 9 e seguintes. — **Primeiras relações de Castilho com a Academia Real das Sciencias.**

E' interessante esta carta pelo seu tom singelo e quasi infantil, e mostra o alto prestigio da sabia corporação. Era seu Protector el-Rei D. João VI; Presidente o senhor Infante D. Miguel; Vice-Presidente o Marquez de Borba. Havia Socios honorarios, nacionaes e estrangeiros; Socios estrangeiros; Socios veteranos; Socios effectivos; Socios livres, e Socios correspondentes.

O Secretario, Rodrigo Ferreira da Costa, Official da Secretaria geral do Exercito, morador na rua da Rosa das partilhas n.º 147, respondeu a Castilho em termos benevolos.

A carta de pagina 15, em que o Poeta agradece a sua nomeação de Academico, revela satisfação intima por tão invejavel distincção.

Na pagina 17 allude-se ao elogio das Lettras feito por Cicero na defensa do poeta Aulo Licinio Archias. Esse elogio, muita vez citado, é como segue:

........« ¿Pensarás que nos seria possivel, em tamanha variedade de assumptos, chegar para tudo a que nos dedicamos, se

não cultivassemos o espirito com o estudo? ¿ou que o animo fosse capaz de tão grande contensão, se o não descançassemos com a applicação intellectual? De mim, confesso que a ella me entrego. Muitos se envergonharão de se absorverem no trato litterario, quando d'elle nenhum fruto resulte para o proximo, nem saia nenhuma luz; mas não acho que me deslustre, Juizes, isto de viver estudioso ha tantos annos, a ponto de nunca me ver distrahido pelo meu commodo, nem pelo meu descanço, nem pelos praseres, nem sequer pelo somno.

«Ninguem me pode reprehender, ninguem me pode extranhar, se as horas que outros empregam nos seus negocios pessoaes, na celebração de dias festivos e jogos, em agradaveis occupações, e até no descanço da alma e do corpo, as horas que outros dão a banquetes demorados, a partidas de dados, a exercicios corporaes, as entregue eu aos meus estudos; e mais se me deve relevar esse uso que faço do meu tempo, considerando que este mesmo discurso que ouvís, e as minhas faculdades oratorias, nasceram da minha applicação, dedicada sempre, quanto em mim cabe, aos meus amigos que d'ella carecem. Pode tudo isso figurar-se de leve importancia; mas eu no meu intimo é que sinto quanto vale, e de que fonte derivou.

«De feito: se desde a mocidade me não houvesse eu persuadido de que não ha na vida coisa mais apetecivel que a boa fama e a honestidade, e que para as grangear devem ter-se em pouco as dores corporaes,

os perigos de morte e exilio, nunca por vós eu me teria arrojado a tantas lutas, nem me arrostaria com os assaltos quotidianos de tantos homens sem pudor. Cheios de exemplos estão os livros, cheias as sentenças dos sabios, cheia a Antiguidade; e haveriam essas memorias de jazer em trevas, a não ser o facho das Lettras. Não só para nosso conhecimento, mas para nossa imitação, ¡quantas figuras de notabilissimos varões nos não deixaram expressas os escritores gregos e latinos! Tomando-as sempre como exemplares nos actos da publica administração, e meditando-as, conformava eu com ellas o meu espirito.

«Perguntará por ventura alguem:

«¡Quê! ¿esses mesmos varões summos, cujas virtudes as Lettras conservaram, foram a caso doutrinados por esses estudos que assim nos encareces?

«Não todos; difficil fôra affirmal-o de todos; mas a resposta é obvia. Confesso, que muitos houve de excellente espirito e valor, que se formaram sem estudo, e por um habito quasi divino da sua propria indole; per si mesmos se tornaram equilibrados e graves; e accrescento: mais vezes poude n'elles para os tornar louvaveis e virtuosos a propensão sem o estudo, do que o estudo sem a propensão; e é até minha convicção, que, sempre que a uma indole feliz e apurada accrescer um certo systema e applicação de doutrina, então se ha-de presencear um *não-sei-quê* especial e preclaro.

«N'esse caso estava aquelle divino homem, conhecido de nossos paes, Scipião Africano;

estavam Caio Lelio e Lucio Furio, sujeitos de moderação e continencia especial; estava Marco Catão, aquelle ancião que para hoje seria modelo de fortaleza de animo, e para o seu tempo o era de alto saber. E' bem certo, que, se lhes não parecesse que as Lettras os não podiam auxiliar no grangear meritos, nunca se haveriam entregues ao trato d'ellas.

«Se n'este caso não levardes em conta a utilidade obtida, mas só o deleite do estudo, ainda assim, creio que havereis uma tal applicação pela mais humana e liberal; porque os outros entretenimentos nem são para todas as occasiões, nem para todas as edades, nem para todos os sitios; ao passo que o estudo alimenta os adolescentes, e deleita os velhos; na prosperidade é adorno, na adversidade é refugio e lenitivo; agrada em casa, e não incommoda fóra d'ella; pernoita comnosco, e ao nosso lado nos acompanha no campo.

«As mesmas pessoas que não podem alcançar Lettras, nem aprecial-as com o seu sentir intimo, devem comtudo admiral-as quando as virem nos outros. ¿Qual de nós foi tão agreste e duro de alma, que não se commovesse com a recente morte de Roscio, o grande actor? Velho e caduco estava elle; mas tanta era a sua pericia encantadora, que nos parecia não dever morrer de todo. Se elle nos seduzira, não mais que por gestos corporaes, havemos de ter em menos os incriveis movimentos da alma, e a actividade de certos engenhos?»

Pro Archia poeta—VI, VII.

Pag. 21—João Vicente Pimentel Maldonado

Era filho de Bernardo Lopes Pereira Maldonado e da snr.ª D. Brites Clara Pimentel. Nasceu em Lisboa em 22 de Janeiro de 1773, e foi baptisado em 8 de Fevereiro seguinte na freguezia do Santissimo Coração de Jesus, tendo por padrinho o Desembargador do Paço José Ricaldes Pereira de Castro, e madrinha sua avó materna a snr.ª D. Clara Joaquina da Silva Paes. Provavelmente chamou-se João por ser este o nome do seu avô paterno, e teve o sobrenome de Vicente por ter nascido no dia d'este Santo.

Teve os seguintes irmãos:

—D. Maria Clara Pimentel Maldonado, que professou no Convento de N. Snr.ª da Conceição em Arroios em 8 de Septembro de 1793 e tomou o nome de Maria José do Santissimo Sacramento. Foi sepultada no cemiterio, junto ao côro de baixo.

—D. Theresa Bernarda Pimentel Maldonado que falleceu solteira em Lisboa na rua da Figueira, hoje rua Anchieta, n.º 29 actual.

—D. Marianna Antonia Epiphania Pimentel Maldonado, excellente poetisa, que nasceu em 9 de Dezembro de 1771 na freguezia do Santissimo Coração de Jesus, e foi baptisada no oratorio das casas em que moravam seus paes na dita freguezia. Falleceu solteira em 14 de Maio de 1855.

—D. Maria Dorothea Pimentel Maldonado, que nasceu em 1776 e professou no convento de Carnide com o nome de Maria de S. José do Santissimo Sacramento. Falleceu em 1870.

— D. Anna Pimentel Maldonado, que nasceu em 19 de Agosto de 1769 e foi baptisada na freguezia de S. José em 4 de Septembro seguinte. Não casou.

— D. Clara Thereza Pimentel Maldonado, que foi baptisada, com licença, em casa, na freguezia de S. José em 15 de Agosto de 1755, e casou com o Procurador da Cidade Francisco de Mendonça Arraes e Mello, de quem ha descendencia.

— José da Silva Pimentel Maldonado, que foi Capitão de fragata, e de quem ha descendencia da sua 2.ª mulher D. Joaquina Rita Campello, brazileira.

— Luiz José Pimentel Maldonado, que nasceu em Lisboa em 23 de Abril de 1774, e foi baptisado no oratorio das casas em que moravam seus paes em 5 de Maio seguinte na freguezia do Santissimo Coração de Jesus. Foi militar, e reconhecido cadete em 9 de Septembro de 1799. Casou, mas não deixou descendencia.

— Antonio Pimentel Maldonado, que nasceu em Lisboa em 10 de Janeiro de 1782, e foi baptisado em 25 do mesmo mez no oratorio das casas onde moravam seus paes na Carreira (provavelmente Carreira dos Cavallos) freguezia dos Anjos.

Foi reconhecido cadete no mesmo dia em que assentou praça em 10 de Maio de 1802.

Tomou parte na passagem do Douro e tomada do Porto em 12 de Maio de 1809. Entrou na batalha do Bussaco em 27 de Septembro de 1810. Continuou uma trabalhosa vida militar, tendo estado preso na Torre de

S. Julião da Barra 5 annos desde 25 de Maio de 1828.

Falleceu com a patente de Marechal de Campo.

Foi condecorado com a Medalha de ouro das 6 campanhas da guerra peninsular, a Medalha de cobre da divisão auxiliar á Hespanha, Cavalleiro da Torre e Espada, e Commendador da Ordem de Aviz attendendo aos bons serviços (sic) prestados por espaço de 40 annos, aos soffrimentos a prol da Liberdade e do Governo Legitimo. Este senhor é pae do actual General de Brigada Antonio Pimentel Maldonado.

Voltemos a João Vicente Pimentel Maldonado.

Estudou na Universidade de Coimbra, onde tomou o grao de Bacharel em leis, sendo depois nomeado Provedor dos Residuos por Carta Régia de 31 de Março de 1800.

Sahindo da Universidade com ideias mui avançadas, filiou-se n'uma Loja Maçonica, onde teve o nome de Cincinnatus [1] sendo, pelo crime de Maçonaria, preso em 1809 para os carceres da Inquisição, e d'ali degradado para Cacilhas, onde tornou a ser preso, por causa da chamada septembrizada, em 1810, e desterrado para Angra, para onde embarcou em 18 de Outubro d'esse anno, na fragata *Amazonas*, de que era commandante Mathias Pereira de Campos, e 2.° commandante o Capitão de fragata Estanislau Antonio de Mendonça.

Voltou para Lisboa em 1815, e em 1820

[1] *Vidè* o periodico *Conimbricense*, n.° 3:901.

foi eleito Deputado em Côrtes pela Provincia da Extremadura, sendo n'ellas eleito membro de varias commissões.

Entre as propostas que apresentou, apontaremos a da venda dos bens nacionaes para amortisação da divida publica e para se erigir no Rocio um monumento consagrado aos dias 24 de Agosto, 15 de Septembro e 1 de Outubro de 1820, apresentando em sessão de 20 de Fevereiro o desenho feito por Domingos de Sequeira do proposto monumento.

Tendo chegado do Brazil a Familia Real, foi pelas Côrtes nomeada a seguinte commissão para ir a Queluz comprimentar el-Rei e a Familia Real. Esta commissão sahiu na manhan de 7 de Julho de 1821 do palacio das Necessidades, onde se reuniam as Côrtes, e partiu para Queluz acompanhada d'uma numerosa guarda d'honra do Regimento de Cavallaria n.º 4; era composta dos Deputados Castello-Branco que era o orador, Trigoso, Ferrão, Faria, Carvalho, Paes de Sande, Pessanha, Girão, Mendonça, Falcão, Ferreira Borges, Rebello, Alves do Rio e Pimentel Maldonado.

Em 1822 foi nomeado Presidente do Tribunal protector da liberdade da Imprensa; cargo que desempenhou até á queda do systema liberal em 1823.

Em 1828 foi preso para o Limoeiro por suspeito de desaffecto ao governo do Snr. D. Miguel, e ali esteve até 24 de Julho de 1833.

Em 1834 foi despachado Archivista e Sub-Inspector da Camara dos Deputados.

Foi membro effectivo da Sociedade dos Amigos das Letras.

Falleceu no actual palacio das Côrtes onde morava com sua irman D. Marianna. Jaz no Cemiterio Occidental, no jazigo n.º 4, onde se lê a seguinte inscripção:

CONSAGRADO Á MEMORIA
DE
JOÃO VICENTE PIMENTEL MALDONADO
BOM FILHO, BOM IRMÃO,
ORNAMENTO DAS LETRAS
PORTUGUEZAS,
O MELHOR DOS AMIGOS.
NASCEU EM 22 DE JANEIRO DE 1773
FALLECEU EM 8 DE FEVEREIRO DE 1838
A TIBI (sic)
SIT TERRA LEVIS.

Innocencio Francisco da Silva na apreciação que faz de João Vicente Pimentel Maldonado, diz que era poeta da escola franceza, de veia facil e amena. Bocage mais de uma vez se lhe refere com elogio.

Almeida Garrett diz que a collecção das suas fabulas são dignas da maior estimação.

Existem muitas poesias ineditas, tanto d'elle como de sua irman D. Marianna.

Era o pae de João Vicente, Bernardo Lopes Pereira Maldonado, Vereador do Senado da Camara de Lisboa, Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, fôra Juiz de fóra da villa do Outeiro, e despachado por Carta Régia de 21 de Março de 1754 Desembargador da Relação de Gôa

e Desembargador extravagante da Casa da Supplicação.

Nasceu na villa de Almendra onde foi baptisado em 22 de Janeiro de 1713, e era filho de João Gonçalves Maldonado e de Catharina Geraldes Maldonado, primos em 2.º e 3.º graus.

Consta tradicionalmente n'esta familia serem descendentes dos Maldonados de Salamanca.

Bernardo Lopes Pereira Maldonado cazou em 15 de Outubro de 1764 em Lisboa na ermida de Santa Rosa de Viterbo, que pertencia á caza na rua direita de Arroios, que hoje está transformada n'uma fabrica, e era dos Snrs. de Murça, dos quaes a herdou a familia Mesquitella, caza onde morava a familia de sua mulher a Snr.ª D. Brites Clara Pimentel.

Era esta Snr.ª descendente da antiga familia dos Serrões, nascida em Lisboa na caza de seus paes na rua do Poço de Nuno Alvares em 31 de maio de 1738, filha de Luiz Francisco Pimentel de Miranda, Fidalgo da Caza-Real por alvará de 15 de Fevereiro de 1710, Cosmographo-Mór do Reino, como seu pae, por Carta passada em 17 de Dezembro de 1723, Academico de numero da Academia Real da Historia Portugueza; homem instruido de quem ainda se conservam cartas dirigidas ao Padre João Baptista de Castro, e outros manuscriptos na Bibliotheca Publica Eborense.

Tinha Luiz Francisco Pimentel de Miranda cazado com a Snr.ª D. Clara Joaquina da Silva Paes, filha do notavel José da Silva Paes, Marechal de Campo, Colonisador do

Rio Grande de S. Pedro (Brazil), 1.º Governador da ilha de S.ta Catharina, Governador interino do Rio de Janeiro, Superintendente das Reaes Obras do Palacio de Vendas-Novas, Fidalgo Cavalleiro em attenção (sic) aos distinctos serviços que fez tanto em Portugal como na America, etc.

Fôra Luiz Francisco Pimentel de Miranda nascido em Lisboa em 5 de Julho de 1692 e baptizado na egreja de S.ta Justa. Seu pae Manuel Pimentel, que tambem nascera em Lisboa no sitio do Pocinho de entre as hortas, freguezia de S.ta Justa, onde fôra baptizado em 20 de Março de 1650 (Innocencio da Silva engana-se na data do seu nascimento), e cazára com sua prima D. Clara Maria de Miranda Henriques, morreu na sua caza do Poço de Nuno Alvares.

Succedeu na caza de seu pae, teve o fôro de Fidalgo Cavalleiro, e foi como seu pae Cosmographo-Mór do Reino. Foi um dos maiores e mais eruditos talentos do seu tempo em Portugal. Foi Lente de Nautica na Ribeira das Naus. Cursou Jurisprudencia Cesárea e Pontificia na Universidade de Coimbra.

Profundamente versado na lingua latina, e poeta, deixou varias poesias escritas nesta lingua. Em 1728 foi nomeado Mestre de Mathematica do Principe (depois Rei) D. José. Foi quem alterou o comprimento da legoa portugueza; adoptando para cada grau do circulo maximo 18 leguas.

Deu á luz a «Arte pratica de Navegar», que seu pae tinha composto, e que elle augmentou e corrigiu. Compoz varias obras,

que ficaram manuscriptas, uma das quaes existe na Bibliotheca da Ajuda.

Foi Manuel Pimentel filho de Luiz Serrão Pimentel, o qual nasceu em Lisboa e foi baptizado na freguezia de S.ta Justa em 4 de Fevereiro de 1613. Luiz Serrão Pimentel succedeu na casa de seu pae Jorge Serrão Pimentel, e no Morgado de S. Gonçalo. Foi Fidalgo da Caza Real, Cosmographo-Mór do Reino, Engenheiro-Mór, e Tenente General de Artilharia em todas as provincias do Reino, por patente de 20 de Septembro de 1663, Lente da Cadeira de fortificação, e Professor regio das Mathematicas. Conseguio d'el-Rei D. João 4.º a erecção de uma Aula de Fortificação militar e Architectura militar na Ribeira das Naus. Prestou muitos serviços na guerra contra os Hespanhoes, notavelmente na batalha do Ameixial em 8 de Junho de 1663; nas 8 noites em que se conseguiu a tomada de Evora, no cerco de Badajoz, principalmente na batalha do forte de S. Miguel, etc.

Cazou com sua prima Isabel Godins, e morava na rua do Pocinho de entre as hortas. Morreu em 13 de Dezembro de 1679, por ser expulso da sella de um cavallo em que ia montado junto das escadas da egreja da Magdalena.

Foi sepultado no claustro do Carmo no jazigo de seus avós, como consta da pagina 184 n.º 298 do tomo 2.º das «Memorias historicas da Ordem de N. Snr.ª do Carmo» de Frei Manuel de Sá. Compoz o «Roteiro do Mar Mediterraneo»; a «Arte pratica de Navegar»; o «Methodo Lusitanico de deze-

nhar as fortificações», etc. Na bibliotheca da Ajuda ha um livro manuscripto de Luiz Serrão Pimentel. Na bibliotheca da Escola do Exercito ha tambem um livro manuscripto, com um prologo, que parece ter sido escripto pelo proprio Luiz Serrão, datado do 1.º de Fev.º de 1679.

Era este Luiz Serrão Pimentel filho de Jorge Serrão Pimentel, que foi baptizado na egreja de S.ta Justa em 19 de Dezembro de 1572, e cazou com D. Anna de Tovar e Mello. Este Jorge Serrão succedeu na caza de seu pae Luiz Fernandes Serrão, e no Morgado de S. Gonçalo, que este tinha instituido no logar da Ameixoeira com obrigação de uma Missa cada anno na egreja de N. Snr.ª da Encarnação da Ameixoeira.

Este Luiz Fernandes Serrão fez testamento em Lisboa em 11 de Maio de 1605, e 2 codicillos, um em 18, e outro em 24 do mesmo mez. Mandou-se sepultar no seu jazigo do Carmo.

Era Luiz Fernandes Serrão da familia dos Serrões, que dizem descender dos Mouras.

Cazou Luiz Fernandes Serrão em Lisboa com D. Izabel Pimentel, neta de Vasco Fernandes Pimentel, que foi Governador da Ilha da Madeira, e prestou muitos serviços na India, o qual Vasco Fernandes Pimentel era filho do Alcaide-Mór de Torres Novas Francisco Pimentel de Brito, da Familia dos Pimenteis.

Pag. 27—**Francisco Evaristo Leoni**

Foi Cavalleiro de varias Ordens, e General de Artilharia. Nasceu em Lisboa a 26 de

Outubro de 1804. Poeta agradavel e mimoso, e autor de uma obra importante, *Genio da Lingua portugueza.*

Foi Leoni grande admirador e constante amigo de Castilho, cremos que de infancia. Era um sujeito de mediana estatura, muito apurado no trajo, cabello e bigode loiro, olhos um pouco myopes sempre armados de oculos de aro de oiro. Muito polido no trato, e bom caracter. Da sua familia nada sabemos; talvez fosse de origem italiana.

Pag. 62—Talento de oiro

Refere-se Castilho ao uso dos pagãos, de introduzirem entre os dentes do morto um *obolo*, ou moeda corriqueira, como paga a Charonte na passagem do Lethes. *Obolum veteres mortuorum ori imponebant*, *quem pro vectura acciperet Charon* — explica um antiquario, o celebre Samuel Pitisco. Os ricos punham mais que um *obolo;* d'onde vem a aproximação do *talento* de oiro.

Pag. 63—N'esta famosa cidade de Lisboa

D. Francisca Possollo nasceu no palacio de seus paes, hoje muito transformado, na rua de Sant'Anna, freguezia da Lapa, denominado *quinta do Possollo.* Era uma bella residencia, com soberbas estatuas de marmore no jardim, azulejos ricos nas salas, etc. Nicolau Possollo, abastado negociante de vinhos, vivia á lei da Nobreza; sua mulher, D. Maria do Carmo Corrêa de Magalhães Botelho de Moraes Freirão Calabre, era oriun-

da de familia antiga de Traz-os-Montes. Vicissitudes da sorte arruinaram os haveres d'esta familia.

Pag. 77— **Casamento de D. Francisca Possollo**

Quando se casou fixou-se em casa propria, o palacete da rua das Trinas, hoje n.º 128, que ainda (1904) pertence á familia. Foi legado pela poetisa a sua sobrinha, D. Maria Mathilde Possollo Picaluga, que em 1876 o legou a sua filha D. Maria Clementina Possollo Picaluga da Costa, que o legou em 1903 a sua prima D. Virginia Possollo Hogan, de quem passou para sua prima D. Virginia de Castro e Almeida Pimentel de Sequeira e Abreu, filha dos Condes de Nova-Gôa, casada com João da Motta Prego, Moço-fidalgo, e Agrónomo.

Pag. 99 —**Theatro de Francilia**

A descripção das suas reuniões theatraes e de dança, a lista de alguns frequentadores, etc., tudo vem minuciosamente narrado nas *Memorias de Castilho.*

Pag. 113 —**Epistolas de Francilia na sua viuvez**

Tencionamos reproduzil-as a seu tempo n'esta nossa collecção, como pretexto para as admiraveis respostas consolatorias de Castilho.

NOTAS AO VOLUME II

Pag. 9 — **Uma citação de Cicero**

A não ser essa citação de Cicero tirada de alguma obra do grande orador que n'este momento nos não lembra, a asserção não é de Cicero propriamente, mas de Archytas. No *Tratado da Amisade*, cap. XXIII, lê-se:

> Verum ergo illud est, quod, a Tarentino Archyta, ut opinor, dici solitum, nostros senes commemorare audivi ab aliis senibus auditum: «Si quis in cœlum ascendisset, naturamque mundi et pulchritudinem siderum perspexisset, insuavem illam admirationem ei fore, quæ jocundissima fuisset, si aliquem, cui narraret, habuisset.»

A saber:

«Bem certo é aquillo que, segundo julgo, costumava dizer Archytas, de Tarento, e que a alguns dos nossos velhos ouvi mencionar, pelo terem escutado a outros anciãos: «Se alguem subisse ao céo, e presenceasse de perto a natureza do mundo e a formosura dos astros, pouco praser lhe daria tal espectaculo; e muitissimo, se tivesse a quem narrar o que houvesse visto.»

Pag. 73 — **Agricultura**

A longa estada no campo, e o seu gosto innato para as amenidades bucolicas, inclinaram sempre o espirito de Castilho a advogar os progressos agricolas. Em innumeraveis passos dos seus escritos se vêem provas d'essas tendencias virgilianas da sua alma; tendencias, que por ultimo deitaram corpo no livro *Felicidade pela Agricultura.* Instruir o povo e agricultar a terra foram dois sonhos da sua vida.

Pag. 77 — **Animaes**

Foram sempre um dos amores da alma de Castilho. Em casa havia sempre cães e gatos estimadissimos, rolas, e passarinhos. Se não estivessem estabelecidas as Sociedades zoophilas, era elle muito capaz de as inventar. Nas notas da *Primavera* detidamente se espraia o Poeta em explicar estas suas affeições.

Pag. 89—**André Joaquim Ramalho e Sousa**

Era (diz Innocencio) do Conselho de S. M., Bacharel formado em Mathematica, Official maior graduado da Secretaria da Justiça. Nasceu em 1790, e falleceu em Lisboa a 10 de Junho de 1857. Traductor de varios romances de Walter Scott, e autor de um Diccionario da Lingua portugueza, que legou inedito a Alexandre Herculano, o qual o vendeu á Academia. Sujeito de proverbial honradez, estudioso e erudito, amigo sincero de Castilho. Da sua phisionomia doce, toda portugueza, com a sua suissa branca e o seu sorriso benevolo, conservamos agradaveis lembranças.

NOTAS AO VOLUME III

Pag. 49 — **Eugenio Scribe**

Não havia animosidade da parte de Castilho contra o talentoso Scribe; pelo contrario: estimou-o sempre, e a leitura e audição dos dramas e comedias do engenhoso Francez deleitava-o muitissimo. A indignação do nosso Poeta provém das excepcionaes licenciosidades das *Proezas de Richelieu*. E ainda assim... quem comparar esta peça de 1842 com as de hoje em dia, canonisa-a. O declivio tem sido enorme.

Pag. 107 — **Antonio da Cunha Souto Mayor**

Este engraçado e talentoso homem, de quem tanto se podia e devia esperar, e que nada produziu, entregou-se a loucuras e desmandos na mocidade. Era pessoa nobre, e da melhor sociedade; citavam se os seus ditos, os seus trajos de ruidosa elegancia, as suas cavallarias, as suas aventuras. Foi Deputado opposicionista, e brilhou pelas suas chistosas audacias de palavra, incommodando sempre os Governos. Em 1858, pouco mais ou menos, foi despachado Ministro para

Dinamarca, onde deu brado e era queridissimo. Lá falleceu muito velho, agraciado com o titulo de Visconde de Souto Mayor. A Castilho consagrou sempre muita affeição, como podemos attestar.

Pag. 123—**Antonio Luiz de Seabra**

Uma das mais bem organisadas cabeças de Portugal—lhe chama Castilho, e com toda a rasão. Era extraordinario o vigor cerebral d'este notavel homem, que falleceu centannario. Tinha o don da palavra; e a sua dialectica, sempre cerrada e certa, assumia especial energia da sua expressão intelligente, e do timbre magnetico da sua voz. Entre as obras, todas politicas, que se conhecem d'este escritor, admira e alegra encontrar o projectado romance a que se refere Castilho, obra provavelmente não concluida, e cujo assumpto desconhecemos.

Pag. 140—**Francisco da Mãe dos Homens Annes de Carvalho**

Nasceu em Evora a 24 de Setembro de 1780; foi Conego da Sé de Lisboa, Arcebispo de Evora, e Par do Reino. Diz-nos Innocencio ter composto *Discursos moraes para instrucção dos filhos da Santa Egreja metropolitana de Evora, 1847.*

Pag. 145—**Machinas de costura**

E' engraçado ver o espanto causado em 1842 pela invenção das machinas de costura.

Uma coisa hoje tão banal era assombrosa e quasi inacreditavel então.

Pag. 155 — **D. Francisco Gomes do Avellar**

A este Prelado modelo tecia Castilho sempre os maiores elogios; merece quatro linhas de commemoração em additamento ao artigo que se lê sob o numero LVI.

Em 1882 um viajante, que andou percorrendo o Algarve, e já tinha o culto da memoria do venerando Bispo, alcançou noticias d'elle, ainda por assim dizer tépidas na tradição oral dos farenses. Aqui vão, como subsidios para a biographia completa de tal homem (se alguem a emprehender) alguns apontamentos; são poucos, mas authenticos.

I — Nasceu Francisco Gomes, segundo diz o *Almanack* de 1791, em S. Marcos de Calhandriz, a 17 de Janeiro de 1739; foi eleito Bispo a 18 de Janeiro de 1789.

II — Varias fontes para se apurar a verdade:

a) *Breve biographia / de / D. Francisco Gomes do Avellar, / Bispo do Algarve, / dedicada / ao Ex.mo Sr. / D. Fr. Antonio de Santo Illidio, / Bispo Eleito de Aveiro, / pela / Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis. / Lisboa. / Na Typographia da Sociedade. — Largo do Pelourinho N.° 24. / 1842.* — 1 folheto em 8.°, de 16 paginas. O exemplar que temos á vista pertenceu a Castilho, e tinha a marcação Estante B, prateleira 3, n.° 15 A; exemplar precioso por ter no interior da capa esta dedicatoria autographa: *Ao Ill.mo Sr. Antonio Feliciano de Castilho, Redactor*

da Revista Universal Lisbonense O. o seu antigo Amigo, e sincero admirador D. Antonio de Sto Illidio. Tem retrato do Bispo Avellar, gravura em madeira, colorida.

b) A pag. 465 e seguintes das *Memorias para a historia ecclesiastica do Bispado do Algarve*, por João Baptista da Silva Lopes, Lisboa, 1848, vem uma extensa relação da vida do grande Bispo.

c) No n.º 34 do jornal *O Panorama*, de 20 de Agosto de 1842, biographia com retrato.

d) Nos *Estudos biographicos* de José Barbosa Canaes a respeito dos retratos a oleo existentes na Biblotheca Nacional de Lisboa, biographia.

e) No *Diccionario bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva, Tomo II, pag. 386, rapida noticia e lista das obras do Prelado.

f) No *Jornal do Commercio*, em Outubro de 1866, publicou José Silvestre Ribeiro um estudo biographico.

III — Tivemos occasião de ler, e possuir algumas horas, por obsequioso emprestimo, um manuscrito do fim do seculo XVIII, intitulado *Panegyrico / do / Exmo e Rmo Senhor Dom Fran- / cisco Gomes de Avellar, Bispo do / Algarve, do Concelho de Sua Ma- / gestade Fedelissima. etc. etc. etc. / Pello / Padre Francisco de Amor Presbitero / secular do Bispado do Algarve.*

Examinámol-o com muita curiosidade e avidez, por pensarmos encontrar algumas noticias aproveitaveis da vida do eminente Prelado; mas infelizmente a leitura não correspondeu á espectativa. Mantém-se o autor quasi sempre n'umas apreciações panegyri-

cas e encomiasticas, muito elevadas, mas muito vagas tambem; preconisa as virtudes, a beneficencia, a cordura, a actividade, do Bispo; mas não conta facto algum, não especifica pormenor algum, como seria tão agradavel e tão util.

No correr d'esta leitura, duas coisas notámos:

1.ª—A pag. 5 (não estão numeradas as folhas do caderno) lê-se isto:

...«¿Para que seria preciso que ainda ins-«treite e aperte os acanhados limites de um «Panegyrico, occupando-o com os feitos, ain-«da que honrados, pios, e santos, de seus «virtuosos Ascendentes? ¿Que me releva «para o meu fim que entre a desenrolar en-«carquilhados pergaminhos de uma genealo-«gia, que se confunde, e que quasi se perde «na obscuridade dos tempos, para com os «nomes de tantos e tão virtuosos varões ma-«tisar o elogio que consagro a um heroe, que, «herdando d'elles com o sangue as virtudes, «muito mais os engrandece com suas acções, «do que eu com minhas rudes palavras?»

Esta menção implicita de uma nobre e antiquissima ascendencia de D. Francisco está em manifesta contradicção com o que disse na *Chorographia* J. B. da Silva Lopes, e disseram todos os de mais biógraphos do santo varão Está tambem em desaccordo com um caso que o mesmo Lopes conta relativo á mãe e irman do Bispo. Entretanto é testemunho coevo, dado durante a vida do proprio biographado; merece pois estudado genealogicamente este ponto. Depois do que transcrevemos, accrescenta o Padre Amor:

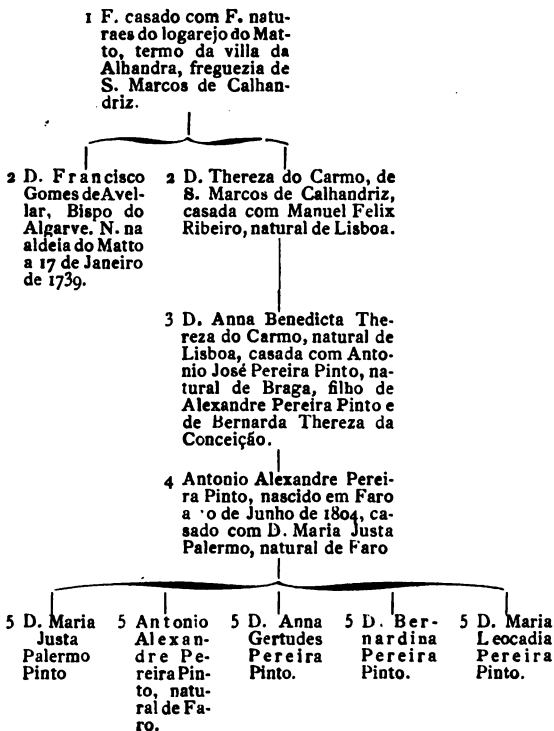
«Comtudo, não posso deixar de trasladar-
«me com a minha imaginação ao rio Tejo,
«áquelle afamado rio, cujas praias parece que
«foram fabricadas de proposito pela Natu-
«reza para berço de genios raros; para ali
«ajoelhando beijar a mão ao insigne e res-
«peitoso progenitor de tal heroe, que, illus-
«tre por qualidades, e mais que illustre por
«virtudes, creou no seu felicissimo thalamo
«um filho o mais digno, o mais amante da
«honra e da verdade, cujos cuidados teem
«um centro commum, para que naturalmente
«pende: a honra e a gloria do nome de
«Deus».

De tudo isso, e do mais que segue, póde ti-
rar-se alguma probabilidade de que a estirpe
de D. Francisco Gomes não fosse tão *humilde*
como se suppunha. E' ponto para estudar.

2.ª observação.—A data muito aproxima-
da d'este panegyrico póde talvez conjectu-
rar-se. Conforme diz Lopes *(Chorogr.* pag.
64), logo nos primeiros annos do seu episco-
pado experimentou D. Francisco o assalto
da calumnia; não se sabe o que lhe assaca-
ram, nem o declara Silva Lopes; o que se
diz é que teve de ir a Lisboa desmanchar os
enredos, como com effeito desmanchou, me-
recendo do Principe Regente (depois el-Rei
D. João VI) provas inequivocas de conside-
ração. O panegyrico allude muito ás calu-
mnias, que ousaram atacar as virtudes e o
zelo do Prelado; allude ao modo como elle
venceu as perfidias; e diz que do Principe
recebeu muitas demonstrações de apreço e
de affecto. Pela insistencia que o autor mos-
tra em calcar aos pés a *hydra*, vê-se o em-

penho de consolar o Bispo. Póde portanto ser que este papel fosse escrito pelo Padre Amor nos ultimos annos do seculo xviii, de 1789 em diante, nos primeiros tempos porém do episcopado de D. Francisco Gomes do Avellar.

Faro 24 de Junho de 1882.

IV — Representação actual do sangue do Senhor Bispo D. Francisco Gomes do Avellar

O snr. Antonio Alexandre Pereira Pinto, que em 1882 residia em Faro, unico filho varão da 5.ª geração, é quem por sua avó paterna, irman do senhor Bispo D. Francisco, representa a familia.

V — Copia exacta de uma carta do senhor Bispo a uma sua sobrinha

+

VIVA IESVS

Minha Anna, filha m.^to^ amada em o S.^r^

Muito desejei poder ir hoje pessoalmente estar hũ pouco na tua companhia antes q vás para tua casa: mas eu irei em podendo.

Espero em Deos que este Senhor seja quem vos una os corações, e os afectos, e q.^m^ vos abençôe com benções celestiaes para q vivão felices até hũa longa velhice santa e chêa de honra como a q estão (por graça de D.^s^) vivendo os teus avós.

Tu bem sabes q eu te amo bem deveras em Deos e p.ª Deos; e este amor me obriga a desejar te todo o bem, e a dizer te aqui algũa coisa para tua doutrina e instrução.

A primeira lembrança q deves ter he q D.^s^ he q.^m^ te dá este Esposo, e só este; para que olhando tu p.ª elle como p.ª hũ dom de D.^s^, o *ames*, o *honres*, o *sirvas*, e lhe *guardes* a mais extremosa *fidelidade:* e aqui tens as quatro obrigações mais essenciaes do santo estado que vás a receber.

Para q consigas pois hũ amor perfeito em D.^s^ é necessario que procures sacrificar lhe todos os teus desejos e quereres, persuadin-

do-te q a paz com teu marido he o maior bem que podes ter. Costuma-te para isso a ser acautelada no falar; a não querer outra coisa, senão o q elle quizer; a condescender com elle em tudo; pois espero q nunca quererá de ti coisa contra a tua consciencia, nẽ q se oponha á lei de D.ˢ porq me persuado q elle tãobem deveras se quer salvar. Vive na sua companhia como viveo a S.ᵐᵃ Virgẽ com o glorioso S. Iose e S.ᵗᵃ Anna com S. Ioaq.ᵐ nunca entre elle houve hũa so palavra de enfado, nẽ discordia,[1] nem desavença; senão tudo paz inalteravel, e hũ amor o mais terno e o mais fino. Foge Filha de tudo o que he teima, porfia, e dissensão: reprime o teu genio, se o tens que não concorde com o de teu marido, e cuida muito de orar a D.ˢ e de viver santamente; porq se fores boa christãa, tão bem serás boa mãe de familias.

A honra nasce do bom conceito q fazemos do merecimento da pessoa; e nenhũa deves honrar tanto como aquelle q D.ˢ te deo p.ª te defender, e ser a tua guia, protector e defensor. Deves honra lo como teu S.ʳ ainda q.ᵈᵒ elle te trate como sua legitima consorte. Não duvides humilhar te m.ᵗᵒ na sua presença, e em vez de te gloriares, se elle (seg.ᵈᵒ a moda) te chamar senhora, q antes tu he q lhe deves dar o titulo de teu Senhor, e assim o tratares em verdade: especialm.ᵗᵉ em publico toda a honra q lhe deres te pareça ain-

[1] Assim interpretamos a palavra que está no original, e que por *lapsus calami* do autor elle escreveu *disco ria.*

da diminuta. e sempre te recomendo todo o decoro, decencia e veneração; em fim honra o teu marido, assim como a Igreja honra a Christo, seg.^do o preceito de S. Paulo.

Deste verdad.^ro amor nascerá bem naturalm.^te o gosto e promta vontade de o servires, de lhe assistir em tudo, de o ajudares,
promta *
e de estares sempre ^ de dia e de noite p.^a o seu alivio, para a sua santa e honesta recreação (tu bem me entendes) excepto havendo causa justa e racionavel. Tudo sempre diante de D.^s e por comprir a sua S.^ma vontade com grande merecim.^to tendo sempre o coração desapegado de tudo o desta vida; pois q ella por momentos vai passando, e não torna.

Acerca da fidelidade não tenho nada q te dizer, porq sei o gr.^de horror q te causa na tua consciencia dilicada qualquer leve mancha, ate a q mais ligeiram.^te passe pelo pensamento. D.^s te augmente sempre a sua divina graça, e em seu nome te abençôo p.^a q cresças em seu divino amor; e o respeites sempre mais e mais; e antes queiras perder a vida do q admittir na tua Alma a mais leve

* No original existe em entrelinha a palavra *promta*, do modo que o escrevemos n'esta copia.

N B. Conservámos escrupulosamente a orthographia, até com as suas incoherencias, assim como a pontuação. A carta é toda do punho do grande Prelado; infelizmente não tem data de anno; vê-se apenas que é de 2 de Fevereiro. Pode-se até certo ponto conjecturar que seria escrita esta carta antes do anno de 1789 em que Francisco Gomes, Oratoriano, e residente no convento das Necessidades, foi nomeado Bispo.

nodoa do pecado. Não te quero ser mais molesto, pois te desejo todo o alivio. Agora fico rogando ao S.^{r} que te illustre o entendim.^{to} p.^{a} conheceres a verdade, e q te abraze o coração em amor seu p.^{a} seguires a virtude: para que por m.^{tos} an.^{s} e bons vivas em paz com o teu Esposo, e com m.^{tos} augmentos temporaes e espirituaes, p.^{a} q D.^{s} seja honrado, e todos nos salvemos, e este pobre tio tenha a consolação de vos ver no Ceo. Amen. D.^{s} te g.^{de} m.^{s} a.^{s} Casa de N. S.^{ra} das Necessidades em Domingo dia da Pureza de N.^{a} S.^{a}

Tio q m.^{to} te ama

Fac-simile da assignatura do grande e muito veneravel D. Francisco Gomes do Avellar, tirada da citada carta a uma sobrinha; não tinha data do anno, mas foi escrita antes de ser Bispo.

VI—Anecdotas e ditos do grande Bispo

N. B.—Estes apontamentos foram colhidos na tradição oral, nas conversações do velho Padre Farroba (cremos que é alcunha), antigo famulo do Bispo, e Prior S. Sebastião de Lagos.

I

O santo Bispo D. Francisco Gomes de Avellar costumava dizer muitas vezes brincando, que todos os dias dava graças a Deus por tres coisas:

1.^{a} Ser portuguez, e não hespanhol;
2.^{a} Ser homem, e não mulher;
3.^{a} Ser padre, e não frade; e que, se per-

tencêra á Congregação do Oratorio, foi porque não era Congregação de votos perpetuos, e podia d'ella despedir-se quando lhe conviesse.

II

Tratando-se de medicina, e da difficuldade em que os medicos muitas vezes se acham para saber qual é o orgam interno, que o doente tem affectado, lastimava que o corpo humano se não podesse desarmar, para melhor se curarem doenças que hoje eram incuraveis por culpa do diagnostico.

III

Muitas vezes ordenava que lhe trouxessem uma mitra (que era apenas um bocado de papelão forrado de seda, já desbotada) e mandava-a a qualquer casa rica da cidade, com um bilhete n'estes termos: «Essa mitra empenha-a em tantas moedas, Francisco Bispo.

Excusado é dizer que a casa onde a mitra apparecia não só dava immediatamente o dinheiro, se não que olhava como grande honra ter recebido o pedido.

IV

Nas suas visitas ao Bispado, que eram feitas amiudadas vezes, levava sempre grande porção de quina para distribuir pelos pobres, e unguento aquilão, que por esse motivo era conhecido pelo nome de «unguento do senhor Bispo».

V

Nas suas jornadas para as Caldas de Monchique, notou em certos sitios a quantidade

de zambujeiros que por ali havia; e perguntando a razão por-que os não enxertavam, disseram-lhe que não sabiam enxertar aquelle *mato*. Escreveu então, e mandou imprimir, um folheto onde ensinava a maneira de enxertar, e fel o distribuir pelas Camaras municipaes, a quem mandou, visto que n'esse tempo concentrava em sua mão o governo da provincia ecclesiastica, militar, e civil, que nas posturas das mesmas houvesse uma multa para quem, tendo os zambujeiros, não enxertasse uns tantos por anno. Depois d'estas providencias, appareceram alguns olivaes, o que era raro na provincia.

N'uma occasião, passando o Prelado por uma estrada, viu immensa quantidade de zambujeiros cortados, e notou que em tantos, nenhum tinha os garfos rebentados. Apeou-se, e com uma thesoira cortou a tamissa que segurava os garfos, e viu que o dono, para não pagar a multa, fingia enxertar cortando os zambujeiros, collocando-lhes uns pausinhos, e atando-os com tamissa. Mandou chamar o dono da terra, e obteve em resposta, que «de coisa má não podia sahir coisa boa».

VI

Os rendimentos da Mitra eram enormes. O santo Bispo despendia tudo em obras de caridade, estradas, pontes, e algumas obras de arte, para o que tinha particular predilecção. Todas as boticas da provincia recebiam um tanto de trigo para darem de graça remedios aos pobres. Sustentava muitos estudantes desvalidos, e innumeraveis familias recatadas. Emfim, gastou tudo quanto recebeu.

VII

Quando sabia que em qualquer convento havia um Santo que suava, ou outra qualquer coisa que o povo dizia ser milagre, lastimava que não vivesse Xisto V, «porque elle para saber não perdoára nem a Christo».

VIII

Quando rebentou a revolução (contra os Francezes) em Olhão, e se communicou a Faro, escondeu no proprio palacio episcopal o General francez, que então residia em Faro, e mais officiaes; e sahindo para a rua com os seus padres e famulos, no meio do povo amotinado, que pedia armas, e queria matar todos os Francezes, e aquelles a quem chamava jacobinos, elle para entreter os desaustinados, e evitar assassinios, levou o povo todo a construir umas fortificações de terra; e para dar o exemplo conduziu elle proprio as *planeiras* (alcofas de terra) que deram principio á obra.

IX

Verdadeiro apóstolo, percorria a provincia prégando e ensinando com a palavra e com o exemplo, acarinhando as creanças, e falando com os pobres lavradores sobre agricultura, aconselhando-os e ensinando-os, e sobretudo desejando (o que conseguiu) ter um clero illustradissimo, pastores desvelados e não lobos famintos. Se qualquer freguezia tinha poucos recursos para sustentar um dos seus clerigos, pagava a um frade do mais proximo convento, afim de ir parochiar n'aquella freguezia; porque (dizia elle) não

póde ser muita a virtude, quando o rendimento não chega para passar.

X

Quando mandou fazer as obras das Caldas de Monchique, a que elle assistia, alguem lhe notou que a escada que se desce para as enfermarias tinha os degraus muito baixos; ao que elle respondeu: «Esta escada é feita para infelizes, a quem cada um d'estes degraus ha-de parecer uma montanha.»

XI

Uma vez entrou em S. Braz n'uma officina de ferreiro, onde estavam malhando ferro; e saltando-lhe algumas faiscas para cima, disse: «Filhos, não me queimem a batina, que tenho só esta.»

XII

No convento de Carmelitas em Faro havia uma freira, a quem certo devasso requestava. Taes fôram as seducções do amante, que persuadiram a enganada freira a fugir da clausura. Sahiu uma noite, galgou com grande custo os muros da cerca, e chegando ao sitio do praso-dado não encontrou o amante. Afastára-o da realisação do seu iniquo projecto o medo, o escrupulo serodio da covardia, ou quem sabe se o vago terror salutar do arrependimento. Sósinha, desamparada, afflicta, ralada de incerteza, a pobre freira, a quem era impossivel recuar, e voltar ao aprisco, indecisa do que faça, resolve de repente ir ter affoita com o Bispo, que é pae de todo o seu rebanho. Dito, e feito.

Horas mortas, e ella a bater com mão tremula á porta do paço episcopal.

Viram aquella embuçada debulhada em pranto; e habituados como estavam os famulos a acolher sempre os infelizes, introduzem a pobre monja á presença do Bispo. Como se fosse n'uma ardente confissão, contou ella ao Prelado todas as circumstancias do seu criminoso passo, e supplicando-lhe humillissimos perdões, invocava ao Ministro de Deus o remedio que só elle podia dar-lhe.

Ouviu-a, escutou-a o Bispo com muita attenção, confortou-a com todo o carinho, fel-a erguer, mostrou-lhe com a doçura angelica de um pae o erro em que se deixára cahir, e pediu-lhe antes de mais nada que socegasse, porque Deus proveria.

Mandou buscar a batina de um seu famulo, ordenou á monja que se vestisse com ella, e sahiram ambos, caminho das Carmelitas. Acordada em sobresalto a communidade aos golpes redobrados do argolão da portaria, mandou o Bispo annunciar-se á Abbadessa; e em quanto a serva o deixava só, á espera, fez elle entrar com toda a segurança o seu pretendido famulo, que pouco tardou que não encontrasse o ninho pacifico e innocente da sua cella, e o seu trajo, e o suspirado socego.

Logo que a Abbadessa appareceu ao Prelado, pediu-lhe este que sem demora reunisse toda a communidade. Atonita a superiora com esta ordem singular, obedeceu, e dentro em poucos minutos todas as freiras, despertas com tamanho reboliço, se acharam

congregadas na presença da sua Abbadessa e do seu Bispo. Então, no meio do silencio geral, e correndo os olhos pelas monjas, pediu o Bispo á Abbadessa que, depois de as contar uma por uma, lhe dissesse se toda a communidade se achava ali, ou se faltava acaso alguem.

— Ninguem falta respondeu a Abbadessa, depois de as contar; — estão todas.

— ¿Todas? — volveu D. Francisco.

— Todas — certificou ella.

— Muito bem — acrescentou o paternal Prelado; — aqui está mais uma prova do muito que sabe lavrar a calumnia. Sabei, senhoras, que ha poucos momentos recebi denuncia de que fugira d'esta clausura uma de vós, e vim certificar-me por meus olhos. Vamos dar graças a Deus, que não permittiu se maculasse a honra d'este santo pombal.

XIII

Uma vez notava alguem na presença do Bispo quanto era estreito e mesquinho o carneiro episcopal.

— ¿E que importa isso? — respondeu elle — para mim chega e sobeja, que não hei-de lá ser companheiro de ninguem.

Encarrega-se a voz publica de explicar este dito. Toma-o o povo como uma previsão do que tinha de succeder. Effectivamente o adorado Prelado algarvio não jaz no seu carneiro, porque o povo teve artes de ir a pouco e pouco tirando aos fragmentos, para reliquias de um verdadeiro Santo, as vestes, os cabellos, todos os ossos um por um, e por fim até a propria madeira do

caixão que serviu de leito ao ultimo somno do bom D. Francisco Gomes do Avellar. Assim, pois, não existir aquelle cadaver venerando é a sua maior gloria. Desappareceu o corpo, mas ficou a alma.

XIV

«Da cidade de Faro no Reino do Algarve escrevem que querendo o Ex.^mo Bispo d'aquella Diocese dar as devidas graças ao Altissimo pela grande obra da Paz Geral, fez constante na mesma cidade e seus suburbios que nos dias 6, 7, e 8 de Dezembro proximo passado haveria Lausperene na sua Sé, e que no dia 8 seria este triduo coroado com o Te-Deum, recitando o mesmo Ex.^mo Bispo uma oração propria do acto, para o qual convidou o Senado, o Governador da Praça e sua Officialidade, Communidades e Nobreza, para que, juntos com elle, rendessem as devidas graças ao Omnipotente, não só pela obra consumada da Paz, tão interessante a todo o mundo, mas tambem pela fortuna que teem os Portuguezes de gozar as delicias que emanam do Governo de um Principe sabio, virtuoso, e affavel, que tantas provas d'estas virtudes tem dado ao seu Povo. E como soubesse o Coronel do Regimento de Milicias de Faro, Manuel José Gomes da Costa, as intenções do Ex.^mo Bispo, querendo pôr em pratica o seu zelo patriotico, para que aquelle acto fosse mais solemne, sollicitou o beneplacito do Marechal de Campo João Shadwell Connel, Governador d'aquella Praça, afim de poder marchar com todo o seu Regimento, que se

achava ali de guarnicão, para o largo da Sé; ao que o dito Governador annuiu com muita satisfação; e n'aquelle sitio deu o referido Regimento tres descargas de mosquetaria, ficando todos sdmirados, assim da perfeição com que executou esta manobra, como do aceio com que n'aquelle dia se apresentou.

«Não se podem bem descrever as demonstrações de jubilo e resosijo com que a noticia da Paz foi recebida entre aquelles moradores; nem tão pouco as ternas e gratas expressões, com que reconhecem que ao seu bom Principe é que devem este grande beneficio, e os que gozaram durante a perturbação total da Europa; estando persuadidos de que só podem retribuir a tão copiosas graças dirigindo ao Altissimo as suas fervorosas orações pela conservação da preciosa vida de S. A. R., cujo feliz Governo é um constante objecto dos seus mais vivos applausos, e sincero reconhecimento.»

Gazeta de Lisboa, 2.º Supplemento ao N.º 1 de 9 de Janeiro de 1802.

XV

«Apenas constou officialmente ao Rev.mo Cabido da Cathedral de Faro, no Reino do Algarve, que S. A. R. o Principe Regente nosso senhor havia concedido ao Ex.mo e Rev.mo Bispo d'aquella Diocese, D. Francisco Gomes do Avellar, as honras de Arcebispo, em attenção aos distinctos e relevantes serviços que aquelle virtuoso e sabio Prelado havia feito ao mesmo Augusto Senhor na Restauração do Algarve, expondo-se aos mais evidentes perigos para salvação

da Patria, em que o mesmo Cabido se distinguiu pelo valor com que se armou, e grandes donativos que fez; ordenou o dito Rev.mo Cabido que sem demora se fizesse publica a alegria e regosijo com que recebeu este annuncio; repicando-se todos os sinos da Cathedral; e que em tres dias successivos houvesse illuminação na torre da mesma, e no portico da egreja da Misericordia, aonde actualmente officia, cantando-se no 3.º um solemne *Te-Deum* em acção de graças a Deus, pela conservação da Monarchia Portugueza, e de um tão bom Prelado; indo immediatamente todo o corpo capitular, em communidade, comprimentar a S. Ex.ª Revma, novo Arcebispo, que o recebeu com aquella affabilidade paternal que tanto o caracterisa. Seguiu-se a illuminação na fórma dita, com repiques de sinos em todas as egrejas, e pelo amor que todos consagram áquelle digno Pastor, e interino Governador General do referido Reino, se fez geral em toda a cidade, ainda mesmo nas casas dos estrangeiros; assistindo immensa gente do Clero, Nobreza e Povo, aó *Te-Deum*; mostrando todos n'esta alegre occasião o grande prazer que lhes resultava de vêr a alta consideração em que S. A. R. tem as raras virtudes e os grandes serviços, assim ecclesias ticos como militares, de um tão benemerito Vassallo, digno Pastor, e verdadeiro Filho da Patria.»

Gazeta de Lisboa, n.º 212 de 8 de Setembro de 1814.

NOTAS AO VOLUME IV

Pag. 121 — **José Silvestre de Andrade**

Amigo de infancia de Castilho, seu condiscipulo no Geral do Cunhal das Bolas. Tudo isso vem esmiunçado nas *Memorias*. Eram rivaes os dois amigos no estudo do Latim. Com o tempo ensurdeceu Andrade, e falleceu Official maior do Ministerio da Guerra; sujeito alto, de suissa por baixo do queixo, muito grave e cortez, e caracter optimo.

Pag. 125 — **D. Ramon de Campoamor**

Que saibâmos, só uma vez esteve este inspirado poeta em Lisboa; foi em Abril de 1843; parece que a projectada segunda viagem não se realisou.

O *Hotel de France* era no Caes do Sodré, onde hoje vemos o *Central*; pertencia a uma Franceza, Mme Langlet, aparentada, crêmos, com a familia Férin.

NOTAS AO VOLUME V

Pag. 11 — Ignacio Maria Feijó

Além da comedia *O Camões do Rocio*, escreveu outra, *A torre do Corvo*, citada por Innocencio, e deixou obras ineditas, que não sabemos onde param.

Pag. 21 — Joaquim Bento Pereira

Foi depois General, Barão do Rio Zezere, e Commandante da Guarda Municipal.

Pag. 23 — Cesar de Vasconcellos

Antonio Cesar de Vasconcellos Corrêa foi ao diante Conde de Torres Novas.

Pag. 23 — D. Miguel Ximenes

Subsequentemente Visconde do Pinheiro, Governador geral de Angola, etc.

Pag. 35 — Sociedade escolastico-philomatica

Muito se deveu a essa aggremiação de mancebos, litteratos novéis, e alguns ainda estudantes. Todos, ou quasi todos, os gran-

des oradores que uma geração inteira admirou no Parlamento, na Magistratura, nas Escolas superiores, ali se fizeram e adextraram nas pugnas da dita Sociedade. Reuniram-se na rua da Atalaya, na rua de Santa Martha, não sabemos dizer em que predios, e (segundo vemos n'esse artigo), em Julho de 1843 era a sua séde no Terreiro do Paço.

Pag. 39 — **As filhas de Machado de Castro**

Vergonha nacional se póde chamar ao desamparo em que vegetavam em 1843 as já edosas filhas do immortal Artista. O peor é que a nossa terra esquece quasi sempre os seus benemeritos servidores, quando não teem algum influente politico a apadrinhal-os. Ahi está a pobre filha do grande Innocencio a curtir miseria, que nos deshonra a todos.

Pag. 130 — **Fabrica de loiça junto á Charneca**

Talvez o autor se referisse a uma olaria que existe, ou existia ha muito poucos annos, no sitio da Falagueira entre a Charneca e os Olivaes.

Pag. 147 — **D. Maria Anna de Sousa**

O nome todo d'esta 5.ª filha dos 1.ºs Duques de Palmella era D. Maria Anna da Annunciação Josepha Francisca de Assis de Salles Xavier Antonia Domingas de Sousa-Holstein. Nascida a 25 de Março de 1821,

falleceu a 20 de Março de 1844, casada com Luiz Brandão de Mello Cogominho Corrêa de Sá Pereira de Lacerda e Figueirôa, que foi 2.º Marquez e 3.º Conde de Terena.

Pag. 155 — **Antonio da Silva Tullio**

Foi um dos melhores ornamentos da Bibliotheca Nacional, um dos mais dedicados auxiliares do Publico ledor, estudioso e vernaculo escritor. Sobre todas estas prendas tinha a realçal-as uma bondade nunca desmentida.

NOTAS AO VOLUME VI

Pag. 7 — **Estatua de Camões**

Essa estatua, a que se allude aqui, existe em gesso na Academia Real de Bellas Artes, e algures sahiu reproduzida em gravura. Em vez de a collocarem sobre o vertice da attica do theatro de D. Maria II, optaram os dirigentes pela de Gil Vicente, dramaturgo e comediógrapho bem superior a Camões.

Na mesma pagina se chama áquelle theatro lisbonense «theatro agrião». Essa alcunha não se percebe hoje em geral. O Publico entrou a chamar *agrião* a essa casa de espectaculos, desde que, ao excavarem-se-lhe os alicerces, se encontrou muita agua, de que os agriões gostam e se alimentam.

Pag. 30 — **Antonio Luiz Gentil**

Este nome desappareceu da scena litteraria. Gentil era Official de secretaria no Ministerio da Guerra, mas pouco produziu em poesia.

Pag. 37 — **Os Principes**

Tudo quanto se diga do modo como a senhora D. Maria II contribuiu para a educação de seus Filhos, é pouco. O Publico presenceava com assombro a maneira sizuda, verdadeiramente alleman, por que fôram educados os mallogrados penhores da Monarchia. Aquella geração, que tão longe vai já da nossa, habituára-se a ver descurada, desde longas dezenas de annos, a educação dos Principes portuguezes; a attitude dedicada e maternal da Rainha, presidindo com intelligencia e carinho ao seu lar, tão custosamente assente sobre ruinas, enchia a todos de assombro e gratidão. Sabia-se que os Principes tinham por aios homens de provada honradez, por mestres homens de saber; e que a indole boa dos Reaes Meninos era encaminhada para o bem pelos conselhos dos melhores Paes.

No escrito de Castilho transpira a satisfação publica.

Pag. 43 — **Illuminação electrica**

Hoje, que Lisboa se illumina com electricidade em quasi toda a parte, é curioso vêr como em 1844 se desejava esse melhoramento.

Pag. 113 — **Catalogos de Bibliothecas**

Os novos catalogos, com a *encadernação mecanica* inventada pelo zeloso Bibliothecario-Mór José Feliciano de Castilho, deram

ensejo a censuras e interpretações malignas dos opposicionistas. Oiçâmos o que diz o mencionado funccionario na pag. 9 do tomo 1 do seu Relatorio ao Ministro do Reino de 1 de Janeiro de 1844:

«De pouco serviria o mais vasto e rico deposito biblico, se os ledores não podessem encontrar n'elle, opportuna e promptamente, os livros de que necessitassem. Uma Bibliotheca importante, sem catalogos alphabeticos e methodicos, seria simplesmente um armazem, offerecendo enormes difficuldades para o aproveitamento e uso das suas riquezas. Um catalogo mal digerido, ou mal classificado, traz comsigo pesquizas multiplicadas, e muitas vezes inuteis, indicações inexactas, perda de tempo, erros nos novos catalogos fundados sobre o antigo, e emfim, por todas estas razões, uma utilidade de taes bibliothecas muito inferior á que poderiam produzir.

«Este trabalho fundamental de uma bibliotheca foi emprehendido, e muito adiantado, pelo verdadeiro creador d'este estabelecimento, o sabio e laboriosissimo snr. Antonio Ribeiro dos Santos, de cujo tempo, e dos principios d'este seculo, datam os catalogos geraes da casa.

«Varias circumstancias, porém, teem tornado estes inventarios quasi completamente inuteis para o fim que lhes cabe preencher. Um catalogo é feito para uma dada classificação; e essa foi algum tanto alterada pelo decreto de 7 de Dezembro de 1836; é destinado a servir de guia n'uma determinada

localidade; e a livraria, pela funesta mudança que se fez em 1836, acha-se n'outra casa, sem a minima analogia de disposição com a que occupava, no tempo em que esses catalogos se redigiram; emfim, inutilisase, tornadas as posteriores aquisições de certa importancia, e deduzidos os livros que pagam ao tempo o seu tributo; e bem se pode avaliar quantas, e quão extensas, alterações teem occorrido em metade de um seculo, mormente pela encorporação de muitos milhares de volumes, escolhidos no deposito das livrarias dos extinctos mosteiros.

«Os unicos catalogos, pois, que a casa possue, sendo os que o snr. Antonio Ribeiro dos Santos organisou, estão postos totalmente de parte, e apenas servem raramente para alguma investigação subsidiaria. Achei adoptado, para substituil-os, um systema, que as expostas circumstancias desculpam, mas que de nenhum modo pode inveterarse sem grave deterimento da segurança, da celeridade e conveniencia do serviço, das pesquisas dos estudiosos, e da dignidade da Repartição. Os titulos das obras hão sido novamente extrahidos, e dispostos em pequenos fragmentos de papel, ou bilhetes; e estes bilhetes, coordenados ou reunidos em massos, são o unico fio, que nos guia n'este vasto labyrinto.

«Foi portanto um dos pontos que mais chamaram a minha attenção, pôr um termo a esta desagradavel falta; e trabalho constantemente por alcançar dois fins: o primeiro, crear novos catalogos para o serviço da casa; o segundo, dar á enumeração das ri-

quezas, que existam, prompta publicidade.

«O primeiro fim, parece-me havel-o preenchido de um modo novo, e que (se não me engano) deverá ser adoptado em todos os estabelecimentos d'esta ordem, onde irá realisar uma nova era na disposição dos seus inventarios. Com uma mui simples machina, julgo haver resolvido o problema de evitar os inconvenientes dos varios systemas de catalogação, e reunido conjuntamente as vantagens do catalogo em livros sobre os bilhetes, do catalogo em bilhetes sobre os livros.

«O catalogo em livros tem sobre os bilhetes a vantagem: de tornar-se mais facil de manusear e consultar; de afiançar ao deposito mais segurança, pela impossibilidade de serem roubados livros, sem que lá fique registada a prova do roubo, na exposição do titulo da obra; de apresentar mais facilidade de transporte; de evitar a possibilidade de se confundirem e perturbarem os titulos das obras, etc. etc. Mas tambem, por outro lado, esse livro, com o andar dos tempos, depois de ser forçado quotidianamente a encher lacunas, e a multiplicar supplementos, inutilisa-se, como aconteceu aos d'esta casa; e, depois de ter, desde certas alturas, complicado infinitamente o serviço, acaba por exigir uma reforma geral e completa, com todas as difficuldades e riscos, que offerecem estes trabalhos nas grandes livrarias.

«Os bilhetes teem por si a vantagem: de serem base, que illimitadamente serve para o mesmo trabalho geral; de permittirem a facil intercalação dos titulos das obras succes-

sivamente adquiridas; de darem o meio de supprimir, sem deixar vestigios, a indicação da obra que cessou de fazer parte do estabelecimento; de se reformarem (sem prejudicar a nitidez do catalogo) as inexactidões que possam ter-se commettido; de deixarem espaço no verso para notas bibliographicas, etc. etc. Mas tambem, por outro lado, essas folhas ou fragmentos destacados trasmalham-se facilmente; centuplicam o trabalho dos officiaes e dos continuos, que, para cada pesquiza, teem de abrir, procurar, e atar de novo cuidadosamente, um e ás vezes muitos massos; e protegem a infidelidade do empregado prevaricador, que pode, á sua vontade, trocar livros de valor por outros que o não tenham, havendo cuidado de substituir por outro o respectivo bilhete.

«Lisonjeio-me pois de ter achado um methodo, em que todas as vantagens dos dois systemas se conservam, e todos os ponderados inconvenientes se removem, o qual vai ser posto em pratica em todo este estabelecimento.

«Eil-o aqui em resumo:

«Os extratos das Obras continuarão a ser feitos, não em livros, mas em fragmentos de papel estreitos e longos, contendo na extremidade de cada um o titulo da respectiva obra. Coordenados estes fragmentos em massos, nominal ou systematicamente, a extremidade opposta áquella onde se escreveu, e que fica em branco, é introduzida n'uma pequena prensa, que, exercendo uma pressão egual e sobre uma superficie plana, aperta á vontade, formando do todo uma

encadernação mechanica, e dando um livro de grandissima, mediana, ou pequena grossura, conforme se quizer. Esta encadernação por um processo particular fecha-se com uma chave, de forma que só com ella poderá no catalogo introduzir-se qualquer modificação para mais, ou para menos.

«Esta ideia, tive a fortuna de a ver executada, tal como a concebi, e com uma perfeição, que muito credito dá aos artifices portuguezes, pelo nosso distincto fabricante em metaes, Collares.

«Já se vê que estes imaginados catalogos teem toda a vantagem dos livros, porque pela sua encadernação são livros; e toda a dos bilhetes, porque tambem effectivamente são bilhetes. Com este novo systema, parece-me que se poderão copulativamente alcançar todas as condições de mutua superioridade, que os dois antigos offereciam, em segurança, em simplicidade, em nitidez, em economia de trabalho, em boa ordem de serviço.» ....

NOTAS AO VOLUME VII

Pag. 5 — O Beijo

Essa opereta, lettra de Silva Leal, musica de Angelo Frondoni, gosou de grandissima popularidade. Nunca houve cançoneta mais cantada, mais acceita, mais sabida, do que esta:

> O' saloia, dá me um beijo,
> que eu te darei um vintem.
> Os beijos de uma saloia
> são poucos, mas sabem bem.
> —Sou saloia, trago botas,
> tambem trago o meu manteo;
> tambem tiro a carapuça
> a quem me tira o chapeo. etc. etc.

Pag. 27—Dr. Bernardino Antonio Gomes

Filho do celebre medico de egual nome, manteve as tradições herdadas. Innocencio traz a lista das obras de ambos. Foi irmão de Custodio Manuel Gomes e Antonio Maria Gomes; casou com a snr.ª D. Maria Leocadia Fernandes de Barros, e teve por filhos o Rev.^{do} Padre Lazarista Bernardino de Barros Gomes, e Henrique de Barros Gomes,

Ministro de Estado Honorario. Foi irman do D.or Bernardino (2.º do nome) a snr.ª D. Henriqueta Gomes Mourão, a qual casou com Joaquim José de Araujo, irmão do 1.º Visconde dos Olivaes, e são paes do actual Conselheiro Augusto Gomes de Araujo.

Pag. 32—**Despedida do anno**

A juvenil autora d'esse escrito, e que o illustre redactor da *Revista* não teve licença para nomear, era a snr.ª D. Maria Joanna de Lancastre, irman de D. José Maria da Piedade de Lancastre, Marquez de Abrantes de direito, e poeta agradavel.

Pag. 35—**Antonio Pereira da Cunha**

Nasceu em Vianna do Minho a 9 de Abril de 1819; falleceu em Lisboa, na sua casa da calçada de S. Vicente, de uma rapida pneumonia, a 18 de Abril de 1890. Foi um nobre e excellente caracter, ornamento do partido miguelista, e cultor distincto das Musas.

Pag. 37—**José da Silva Mendes Leal**

N'este rumoroso palco da Litteratura ha curiosas e inesperadas mutações de scenario; os proprios actores mais applaudidos teem eclypses, que só a caprichosissima doida, alcunhada moda, poderia explicar. Mendes Leal desabrochou com grande esplendor de luz para as Lettras amenas; lutou com a vida tudo quanto humanamente se pode lutar; ouvia em si mesmo uma voz mysteriosa

que o animava; estudou; trabalhou, para comer pão negro; atirou-se ás fragoas dramaticas, e venceu logo na primeira arremetida, e venceu sempre; entrou na Camara, e foi orador, e era escutado; entrou no jornalismo, e era lido; foi Ministro, foi Par, foi Bibliothecario-mór, foi Enviado extraordinario, foi Academico, cumprindo sempre com brilho os seus papeis. Morre... e esquece. A geração novissima ouve falar de Mendes Leal, sabe que foi um litterato distinctissimo ha trinta, ha quarenta, ha sessenta annos, um dos nossos «prophetas maiores» (como lhe chamou Silva Tullio), mas julga-o obsoleto, e entende que não vale a pena desenterrar-lhe as obras de baixo do terreno de alluvião do Theatro moderno. Pois engana se quem assim se atreve a julgar um homem d'aquella estatura. Mendes Leal foi, e é, muito grande, muito digno de estudo, muito crédor de admiração.

Hoje parece acordar em favor do poeta do *Pavilhão negro* uma especie de reacção justa. O snr Dr. Antonio Maria da Cunha Belem levantou o estandarte nos supplementos litterarios do jornal *O Seculo*, e tem conseguido, graças á sua energia, e á convicção com que se expressa, levar de vencida a surda opposição do indifferentismo publico. Honra lhe seja.

O que muito serve para o processo litterario d'este eminente Mendes Leal são as varias apreciações, que os *Vivos e mortos*, do seu mestre e admirador Castilho, nos legaram. Escritas de relance, mas com sinceridade e calor, são documentos preciosos, que

a posteridade tem de receber como testemunhos authenticos. Juntando-os aqui, julgamos ter prestado bom serviço, tanto á memoria do poeta-dramaturgo, como ás Lettras portuguezas.

Pag. 41 — **Curso de Numismatica**

Era já rica e apreciavel a collecção de moedas e medalhas da Bibliotheca Nacional de Lisboa em 1843, quando a 22 de Março foi chamado ao alto cargo de Bibliothecario-mór o Doutor José Feliciano de Castilho Barreto de Noronha. Esse talentoso e activissimo funccionario, então no excepcional vigor dos seus trinta e tres annos, trabalhou dedicadamente no melhoramento da casa, e deixou assignalado um passo enorme no seu luminoso Relatorio impresso (Lisboa, Typ. Lusitana, 1844, 4 volumes).

Não escapou á sua sagacidade a utilisação do medalheiro. Eis o que se lê a tal respeito de pagina 69 em diante do volume I:

«As antiguidades conservadas n'esta casa são pouco importantes, e não muito numerosas infelizmente, porque, devendo ser este o centro, onde se fossem progressivamente colligindo, é sabido que uma deploravel negligencia tem feito com que uma infinidade, até de monumentos patrios, haja cahido victima do desleixo, ou da ignorancia.

«Outro tanto não direi da collecção de medalhas, a qual tem um mui elevado valor estimativo. Os monetarios de Fontenelli, Cenáculo, e Ribeiro dos Santos, além de ou-

tras progressivas aquisições, dão a esta collecção uma alta importancia, tanto pelo seu numero, como pelo seu valor. Um acontecimento lamentavel privou em 1836 a casa de uma grande quantidade de medalhas; mas, ainda hoje, é esta uma das suas principaes riquezas.

«Infelizmente, porém, nem metade do numero total poude ainda, por falta de tempo de pessoa competente, ser classificada e coordenada; sendo certo, que trabalhos d'esta ordem demandam uma assiduidade, que mal recompensa apparentemente o resultado.

«Tem-se pois continuado, com ardor, n'este interessante trabalho, completado o qual, tenciono propôr a permutação de uma quantidade de medalhas que existem em duplicado, por muitas outras de que ha falta, e que importa reunir n'esta collecção, por ser este o primeiro monetario do Reino.

«De todos os livros relativos ao estudo da Archeologia, propriamente dita, que, segundo o antigo systema da casa, se achavam distribuidos nas diversas salas, se fez uma bibliotheca especial n'este gabinete, tendo-se formado d'elles um catalogo systematico, dividido em 25 classes, que comprehendem 480 volumes; collecção, que procuro completar com a aquisição da *Descripção das medalhas antigas gregas e romanas* de Mionnet, e outras obras que faltam, para facilmente levar ávante o plano, que espero proximamente se realise, como a baixo direi.

«A collecção numismatica, tão rica e importante, orça por 24:000 medalhas, sobresahindo particularmente as mui raras séries

dos Reis de Macedonia, que comprehendem 64 medalhas de prata, e 53 medalhões e medalhas de cobre; dos Reis da Syria, 10-21; do Egypto, 6-46; da Sicilia e outros estados e cidades, 47-529; das colonias, municipios, e povos antigos de Hespanha, 7-975; das chamadas consulares, 1:488-254; das imperiaes romanas, que conta 1:578-6:354, e que são do mais elevado merecimento historico, particularmente no que diz respeito ao Baixo-Imperio. Contém, além d'isto, anda por 4:890 de diversos estados da Europa, e um grande numero de outras, assim antigas como modernas, que precisam ser classificadas por ordem, e segundo o systema em que estão as da Macedonia, da Syria, do Egypto, da Sicilia, das colonias, municipios, povos antigos de Hespanha, e das familias consulares, etc. Com tão soberbas bases, e vista a falta que n'este Reino existe de um curso d'estes estudos, hoje quasi, por isso, sem cultores, desejo eu muito, que n'este estabelecimento se proporcione mais essa vantagem ao Publico.

«Effectivamente espero, que no proximo mez de Outubro o snr. Conservador respectivo abrirá n'este estabelecimento um curso especial de Numismatica, ao qual gratuitamente concorrerão, tanto os empregados da casa que o desejarem, como pessoas estranhas; introduzindo-se assim o amor de um estudo importante para a Archeologia e Historia, e facultando-se meios de lhe dar o possivel desenvolvimento. O zelo pelo bom serviço publico lutou muito tempo, no animo do respectivo lente, com a sua modestia;

mas é-me summamente lisonjeiro poder afiançar a V. E. que se verificará, e de prompto, mais este importante melhoramento. Quando estes estudos se acharem perfeitamente regulares, proporei que a frequencia e approvação n'esta aula sejam condições indispensaveis para o cargo de Conservador ajudante, e attendiveis para os logares de Official.»

....

Esse Consérvador a que se allude era Francisco Martins de Andrade. O curso não chegou a abrir-se em Outubro de 1844, mas abriu-se em 24 de Dezembro.

Pag. 53 — **Luz pintora**

Este artigo humoristico é palpitante de interesse para nós outros, que vivemos n'um tempo em que a photographia attingiu tão alta cotação. A photographia não é *arte* no sentido em que entendiam a palavra *arte* um Raphael ou um Velasquez; mas vive quasi na mesma esteira, e presta serviço incalculavel aos desenhadores, aos illustradores, aos viajantes, aos proprios pintores. Os seus triumphos maximos são porém no campo scientifico. O olho da machina é mil vezes mais agudo e perspicaz que o do homem. Descobrimentos astronomicos de alta importancia, taes como a explicação das nebuloses, se devem á photographia.

Portanto, é curioso ver o longo estádio percorrido desde Monsieur Thiesson, com os seus retratos a *daguerreotypo*, até aos grandes allemães, francezes e americanos,

autores de verdadeiros prodigios com os seus kodacs e as suas detectivas.

Seja-nos licito apresentar n'este logar (parece-nos que pela primeira vez) uma interessante noticia.

Viveu em Lisboa um respeitavel ancião, antigo Deputado, Official do Ministerio da Guerra, etc., Carlos Possollo de Sousa, homem de sagaz intelligencia, e até notavel pericia (como curioso) para toda a sorte de trabalhos mecanicos. Era um gosto conversal-o; vinham á baila mil conhecimentos, mil aproximações de summo proveito.

Um dia, por 1866 ou 67, falando com elle em assumptos photographicos, ouvimos-lhe o seguinte, que enthesoirámos na memoria, e póde servir como ponto de partida para ulteriores averiguações; note-se uma coisa: Carlos Possollo de Sousa, ou fôra educado em França, ou lá estivera muito tempo na sua mocidade; disse-nos elle isto, pouco mais ou menos:

—A invenção da photographia tem uma costella portugueza; dos primeiros tentames de Daguerre em 1839 nasceu o que hoje presenceamos. Ora Daguerre era de origem portugueza, filho ou neto de um Fulano *da Guerra*, que se fixou em França. Esse ou os descendentes afrancezaram o appellido, e de *da Guerra* fizeram *Daguerre*.

O que resta agora é authenticar isto, e saber:

1.° — ¿Luiz Jacques Mandé Daguerre, nascido em Cormeilles (Seine-et-Oise) em 1787, e fallecido em 1851, de quem era filho?

2.°—¿De quem era neto?

3.º—¿Quando e por quê emigraram seus maiores?

4.º—¿Que profissão exerciam?

Deixamos a resolução do caso a quem saiba o caminho que ha de seguir; quem o atinar, póde ter a ufania de reivindicar para a nossa terra mais um raio de gloria.

Pag. 55 — **Bartholomeu dos Martyres**

Allusão ao Conselheiro Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, sogro do actual 2.º Conde de Thomar (Antonio), e pessoa conspicua na Lisboa de 1845.

Pag. 56 — **Ferreri**

Allusão a Adriano Mauricio Guilherme Ferreri, que veio a ser Ministro da Guerra.

Pag. 56 — **Agostinho Albano**

Allusão ao celebre Agostinho Albano da Silveira Pinto, Deputado, Ministro da Marinha, etc., pessoa (como as antecedentes) das mais conhecidas então.

Pag. 61 — **Cabulogia**

Antonio Maria do Couto Monteiro, do Conselho de S. M., Ministro de Estado, Par do Reino, e excellente caracter, não passava de um obscuro estudante em 1845, mas revelou desde verdes annos o seu talento litterario. Esta *Cabulogia*, hoje rara, tem muita

graça, e revela, como Castilho aponta, um escritor *não caloiro em poesia.*

Pag. 67 — A noite de Santo Antonio

E' das mais engraçadas comedias do repertorio nacional; pena é que a esquecessem os nossos theatros. Costa Cascaes tinha bossa muito accentuada para este genero de producções. O que a memoria humana esperdiça e perde, é lastimavel.

Pag. 97 — Equivocação de nomes

Mendes Leal chamou-se primeiro *José Mendes da Silva Leal,* o que motivava frequentes enganos com José Maria da Silva Leal. Vieram os dois amigos a um accordo, e modificaram os seus nomes perante o Publico.

Pag. 99 — Poesia maritima

O autor, o festejado autor dos Folhetins maritimos do jornal *O Patriota* era Joaquim Pedro Celestino Soares, o glorioso Almirante que todos conhecemos na sua velhice. A sua personalidade, os seus estudos, o seu viver, a sua casa, a sua familia, tudo vem minuciosamente descrito nas *Memorias de Castilho.*

Pag. 107 — Penélope e os prócos

Duas palavras explicativas, para que o le*tor pouco* versado n'estas materias mytholo-

gico-historicas possa achar o verdadeiro sabor á traducção por Antonio José Viale:

Foi Penélope filha de Icaro e Peribêa; Icaro era irmão de Tyndaro, Rei de Esparta. Casou Penélope com Ulysses, e foi mãe de Telémaco.

Tomada Troa depois de dez longos annos de cerco, volveu cada guerreiro á sua terra; Ulysses porém, apesar das saudades que o chamavam, não chegava, detido como foi por mil contratempos. Correu o boato da sua morte, como depois de Alcacer-Kebir correu o da morte de D. João de Portugal; a casta Penélope, sempre triste e lavada em lagrimas, porfiava em manter o culto da sua viuvez, recusando a sua formosa mão aos muitos pretendentes que se lhe apresentavam. Corriam os annos, e ella sentia n'alma um *não-sei-quê* a dizer-lhe:

— Conserva-te fiel; Ulysses não morreu, e ha-de tornar.

Os Romanos chamavam *próco (procus, proci)* o pretendente á mão de uma mulher. *Prócos* eram portanto os muitissimos noivos que em volta de Penélope enxameavam. Viale entendeu dever aportuguezar o vocábulo, até com o risco de não ser bem entendido. Se é peccadilho, é muito venial; quem ignora isso, procure no diccionario.

Para se ver quanto foi fiel este traductor, apresentaremos aqui o texto de Homero, seguindo a optima versão em prosa do magistrado francez Monsieur Gin (Paris, 1784).

«Com os sons melodiosos da sua voz e da sua cythara encantava o celebre cantor

— «Telémaco — disse elle — esse entono, essas palavras atrevidas, inspiram-t'as certamente os deuses. O reino de Ithaca é para ti herança; mas livre-nos o Ceo de um Rei como tu.

«Tornou-lhe o prudente Telémaco:

— «Antínoo, talvez te desagrade o que vou dizer. Se Jupiter me concede reinar, será para mim a realeza um presente do senhor dos deuses, pois não creio que se te figurem infelicidades as honras e riquezas ligadas ao poder soberano. Encerram-se no territorio de Ithaca muitos outros Principes, moços e velhos, que podem aspirar a essa dignidade, visto que o divino Ulysses cumpriu já o seu destino. Ao menos, governarei eu em minha casa; e ninguem senão eu, regerá os escravos que o divino Ulysses conquistou pelo seu valor.

«O filho de Polybio, Eurymacho, tomou a palavra.

— «Telémaco, quem ha-de dispôr do governo de Ithaca são os deuses; o que determinarão não o alcançamos nós. Gosa tu os teus haveres em paz, governa os teus escravos; e ninguem, d'entre os habitantes d'esta ilha empregará violencia para te despojar do que é teu. Quero agora interrogar-te a respeito d'aquelle estrangeiro que se acaba de mostrar, apenas, e desappareceu. ¿Quem é esse homem? ¿de que terra vem? ¿qual é o seu nascimento? ¿qual a sua patria? ¿Vinha acaso reclamar satisfação de alguma divida? ¿trar-te-hia por ventura consoladoras novas de teu pae? Nada achei suspeitoso no seu *porte*; *mas* ¿por que sahiu com tamanha

pressa, sem nos deixar tempo de o reconhecermos?

— «Eurymacho, — volveu o filho de Ulysses — é perdida para mim toda a esperança de tornar a ver meu pae. Nem as noticias mais animadoras, nem os adivinhos que minha mãe consulta a cada momento no seu paço, logram já reanimar as minhas ancias. Quanto a esse estrangeiro, é um antigo hospede de meu pae; vem da ilha de Taphos; chama se Mentes, e gloría-se de filho do sabio Anchíalo; governa os Táphios, tão peritos na arte nautica.

«Assim falou Telémaco, sabendo comtudo que uma divindade tomára a apparencia de Mentes.

«O espaço que ainda faltava ao sol para percorrer, occuparam-n-o a dança e os cantares. Quando a noite com o seu veo escuro cobriu a terra, e pôz termo aos praseres d'aquelle dia, retirou-se cada qual para a sua morada, afim de gosar as doçuras do somno.»

Pag. 117 — Prelecções de Sheridan Knowles sobre Litteratura ingleza, em 1845

Realisaram-se estas agradaveis sessões litterarias nas salas do *Hotel da Peninsula*, que então era no palacio que foi da familia Ferreira Pinto no Loreto, esquina das ruas do Thesoiro Velho e do Duque de Bragança. São sempre grandissimo serviço intellectual reuniões d'esse genero.

Tem graça aproximar aqui uma circum*stancia:* no mesmo palacio, talvez nas mes-

mas salas, realisaram-se em 1862 outras prelecções e leituras, muito apreciaveis. A ellas assistimos, e possuimos ainda os programmas, que são estes:

Evening Literary Entertainments
Readings from
Shakespeare, Byron, Dante, Lamartine, and other well known english, french, and italian, authors,
Under the patronage of the Duke and Dutchess of Saldanha, Will be held at the HOTEL D'ITALIA *by*
Mesdames Moreto and Andrews twice a week.
The course of twelve evenings at the price 6$000 reis.
No person will be admitted without a competent Card, for which apply at the Hotel d'Italia.
The readings will take place every Monday and Thursday evening at 1/2 past eight o'clock, commencing on the 21.st of April.
To conclude with a musical entertainment by Mesdames Moreto
and Messieurs Mewman, Carrara, and Moreto.
P. T. O.
Don Pedro Moreto being a well known
Linguist wil read Dante's Inferno and other works.
He also engages to instruct Military Tacties
and Engineering.

PROGRAMMA DE 21 DE ABRIL

Literatura

Prologo em verso (inglez).............	Snr.ª *Moreto*
Leitura do 1.º acto de Macbeth (Shakespeare)............................	Snr.ªˢ *Moreto e Andrews*
The prisoner of Chillon (Byron)........	Snr.ª *Andrews*
1.º e 2.º canto do Inferno do Dante (italiano)............................	Snr. *Moreto*

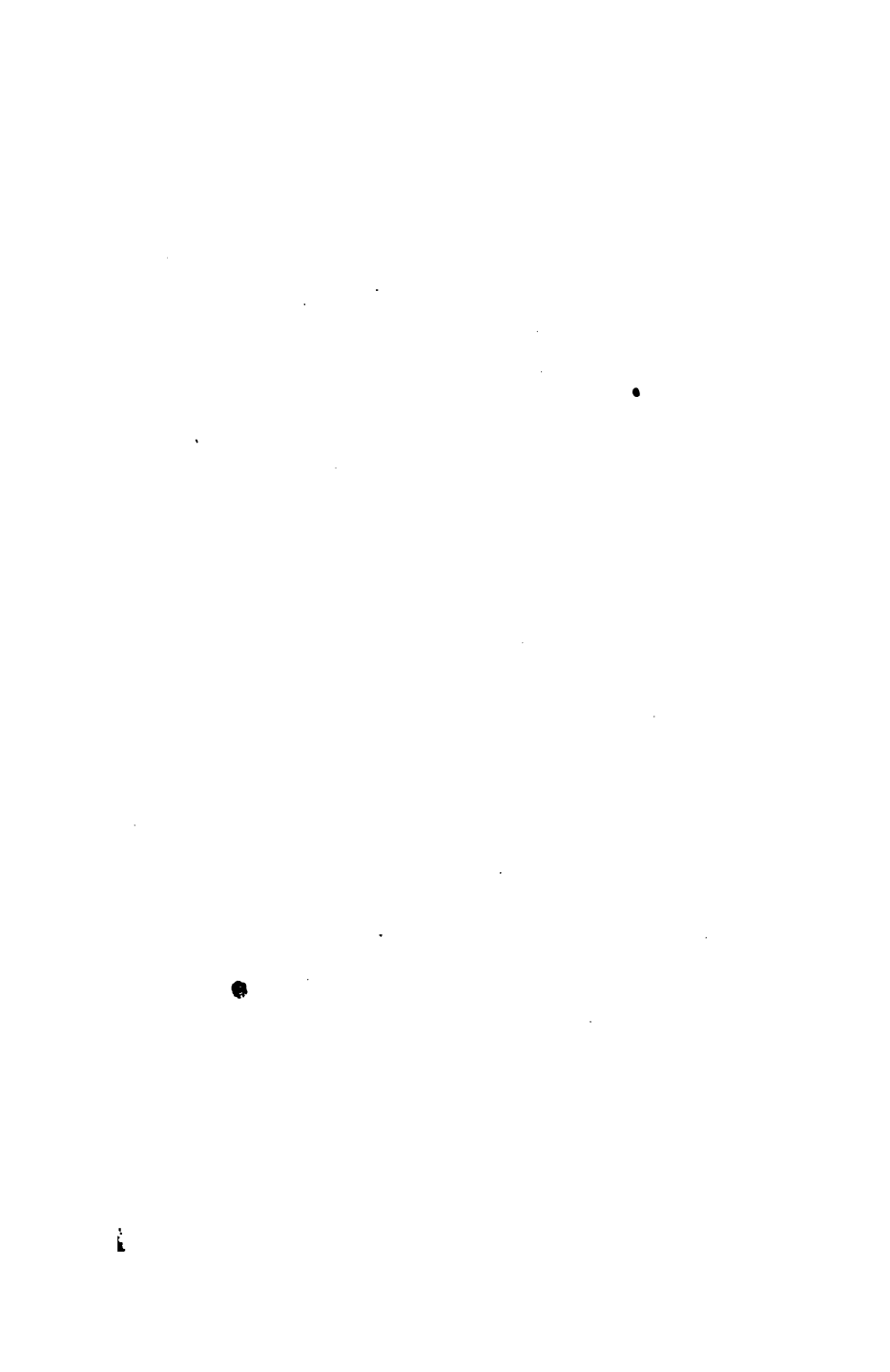
Musica

Grande phantasia concertante sobre motivos de Les Huguenots............	Snr. *Girard*
Aria «Robert, toi que j'aime» (Robert le diable).............	Snr.ª *Moreto*
L'amo, ah! l'amo! (Romeo et Julieta)...	*M. Moreto.*
Romance «The maid of Athens» (Bishop).	Snr.ª Moreto
Le Pandero (Henrion)................	P. Moreto

PROGRAMMA DE 24 DE ABRIL

Literatura e musica

Prologo em verso (inglez).............	Snr.ª *Moreto*
Leitura do 1.º acto de Macbeth (Shakespeare)............................	Snr.ª *Moreto e Andrews*
Aria «L'amo, ah! l'amo» (Romeo et Julietta)......................s.....	*M. Moreto*
Leitura «The prisoner of Chillon (Byron)	Snr.ª *Andrews*
Aria «Robert, toi que j'aime»...........	Snr.ª *Moreto*
Cançoneta «I e pandero».e.............	*M. Moreto*
Leitura — 1.º e 2.º canto do Inferno do Dante........... ..c	*M. Moreto*
Ballada «The maid of Athens...........	Snr.ª *Moreto*
Recitação «The poet Cooper's address to his mother's portrait......... .	Snr.ª *Andrews*
Lied «Du bist mir nah und doch so fern» (A Richardt)*......................	*M. Moreto*

Parece-nos que se interromperam estas sessões por falta de concorrencia.

NOTAS AO VOLUME VIII

Pag. 15 — Thomaz Antonio Gonzaga

Nasceu no Porto em Agosto de 1744, filho do Magistrado João Bernardo Gonzaga, e de D. Thomazia Isabel; baptisado em 2 de Setembro na freguezia de S. Pedro de Miragaia. Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra em 1763, com dezanove annos. Foi Juiz de fora em Beja e n'outras terras; nomeado em 1782 Ouvidor na comarca de Villa Rica, provincia de Minas-Geraes, no Brazil; Desembargador na Relação da Bahia. Implicado, parece que injustissimamente, na conspiração de Minas-Geraes, foi desterrado por dez annos para Moçambique, onde falleceu pelos annos de 1807, sendo sepultado na Sé, edificio de que nem vestigios existem já. Casára em Moçambique a 9 de Maio de 1793 com D. Juliana de Sousa Mascarenhas, filha de Alexandre Roberto Mascarenhas e de D. Anna Maria Mascarenhas. Esta senhora porém não é a que inspirou a *Marilia;* essa era de Minas, e chamava-se D. Maria Joaquina Dorothêa de Seixas Brandão, sobrinha e tutelada do Tenente Coronel João Carlos Xavier da Silva Ferrão. *Consulte*-se Innocencio.

INDICE GERAL

DOS

VIVOS E MORTOS

N. B. — O numero romano indica o volume; o arabigo, a pagina.

A

E

H

N

P

S

U

V